

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

FUNDAMENTOS DA CONCEPÇÃO ESTRATOMÉTRICA DA ATIVIDADE GRUPAL: UMA ANÁLISE IMANENTE DE TEORIA PSICOLÓGICA DEL COLECTIVO, DE ARTHUR V. PETROVSKI

Marcelo Dalla Vecchia, Silvana Calvo Tuleski

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.378>

Submetido em: 2024-02-27

Postado em: 2024-03-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Sueli Terezinha Ferrero Martin (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5874-063X>)

ARTIGO

FUNDAMENTOS DA CONCEPÇÃO ESTRATOMÉTRICA DA ATIVIDADE GRUPAL: UMA ANÁLISE IMANENTE DE *TEORIA PSICOLOGICA DEL COLECTIVO*, DE ARTHUR V. PETROVSKI¹

MARCELO DALLA VECCHIA^a

<https://orcid.org/0000-0001-7537-3598>

mdvecchia@ufsj.edu.br

SILVANA CALVO TULESKI^b

<https://orcid.org/0000-0002-6967-2548>

silvanatuleski@gmail.com

^aUniversidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Minas Gerais, Brasil.

^bUniversidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil.

Resumo

A obra do psicólogo russo Arthur Vladimirovich Petrovski (1924-2006) é pouco conhecida na Psicologia Social contemporânea, especialmente seus estudos sobre o coletivo e a personalidade. Petrovski propõe o coletivo como grupo de nível superior de desenvolvimento, demandando abordagem específica, dada a impropriedade de se recorrer aos resultados de pesquisas com grupos difusos para abordar coletivos. O autor propõe a teoria da mediação das relações interpessoais pela atividade conjunta socialmente significativa, a qual estrutura a concepção estratométrica da atividade grupal. O ensaio ora apresentado faz um breve histórico da origem dos estudos sobre grupos e coletivos na psicologia social soviética, os momentos da elaboração da concepção estratométrica, e a estrutura desta concepção. Para este fim, foi desenvolvido um estudo teórico-conceitual que fez análise imanente de partes selecionadas da obra 'Teoria Psicológica del Colectivo', de A. V. Petrovski. Observou-se relevante rigor metodológico, coerência epistemológica e consistência teórica no desenvolvimento da concepção estratométrica da atividade grupal. É realizada uma contundente crítica, especialmente metodológica, aos estudos sobre os pequenos grupos da psicologia social tradicional. A contribuição que ressalta, porém, é a elaboração de uma teoria psicológica do coletivo, que é base para a concepção estratométrica, cuja estrutura conceitual é fundamentada por resultados de experimentos formativos. A teoria proposta por Petrovski oportuniza abordar os grupos sob a base da

¹ O ensaio ora apresentado consiste no desenvolvimento de um subprojeto do projeto de pesquisa *Os Graus de (Des)humanização na Sociedade Capitalista e seus Impactos sobre o Desenvolvimento e Saúde Mental*, em andamento desde 2020 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob coordenação da Prof^a Silvana Calvo Tuleski. Trata-se de um projeto multicêntrico que agrega pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições brasileiras (UEM, UFPR, Unesp, UFVJM, UFSJ etc.) em uma rede multidisciplinar. O subprojeto desenvolvido intitulou-se *Arthur V. Petrovski e a Mediação das Relações Interpessoais pela Atividade Conjunta Socialmente Significativa na Coletividade: Aportes para Processos Emancipatórios na Psicologia Histórico-Cultural*, e foi realizado sob supervisão da Prof^a Silvana. O desenvolvimento da pesquisa foi viabilizado pela Licença para Capacitação desfrutada pelo primeiro autor no período de 22/09 a 20/12/2023 e autorizada pela Portaria n. 470, de 18 de agosto de 2023, da Reitoria da UFSJ. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 401663/2023-0.

teoria da atividade, considerando a diferenciação necessária entre grupos e coletivos, e fomentando o debate sobre o lugar dos coletivos na sociedade.

Palavras-chave: Psicologia social; Grupos; Concepção estratométrica; Psicologia histórico-cultural; Petrovski, Arthur Vladimirovich, 1924-2006.

FOUNDATIONS OF THE STRATOMETRIC CONCEPTION OF GROUP ACTIVITY: AN IMMANENT ANALYSIS OF *TEORIA PSICOLOGICA DEL COLECTIVO*, BY ARTHUR V. PETROVSKI

Abstract

The work of the Russian psychologist Arthur Vladimirovich Petrovsky (1924-2006) is little known in contemporary Social Psychology, especially his studies on the collective and the personality. Petrovsky proposes the collective as a group at a higher level of development, demanding a specific approach, given the impropriety of using the results of research with artificial small groups to approach collectives. The author proposes the theory of the mediation of interpersonal relationships through socially significant joint activity, which structures the stratometric conception of group activity. The essay provides a brief history of the origin of studies on groups and collectives in Soviet social psychology, the moments in which the stratometric conception was developed, and the structure of this conception. To this end, a theoretical-conceptual study was developed that closely analyzed selected parts of the work 'Teoria Psicológica del Colectivo', by A. V. Petrovski. Relevant methodological rigor, epistemological coherence and theoretical consistency were observed in the development of the stratometric conception of group activity. Strong critics is made of studies on small groups in traditional social psychology, especially methodological. The contribution that stands out, however, is the elaboration of a psychological theory of the collective, which is the basis for the stratometric conception, whose conceptual structure is based on the results of formative experiments. The theory proposed by Petrovsky makes it possible to approach the groups based upon activity theory, considering the necessary differentiation between groups and collectives, and encouraging debate about the place of collectives in society.

Keywords: Social psychology; Groups; Stratometric conception; Cultural-historical psychology; Petrovsky, Arthur Vladimirovich, 1924-2006.

FUNDAMENTOS DE LA CONCEPCIÓN ESTRATOMÉTRICA DE LA ACTIVIDAD GRUPAL: UN ANÁLISIS INMANENTE DE *TEORÍA PSICOLOGICA DEL COLECTIVO*, DE ARTHUR V. PETROVSKI

Resumen

La obra del psicólogo ruso Arthur Vladimirovich Petrovsky (1924-2006) es poco conocida en la Psicología Social contemporánea, especialmente sus estudios sobre el colectivo y la personalidad. Petrovsky propone el colectivo como un grupo de mayor nivel de desarrollo, exigiendo un enfoque específico, dada la impropiedad de utilizar los resultados de investigaciones con grupos difusos para abordar colectivos. El autor propone la teoría de la mediación de las relaciones interpersonales a través de la actividad conjunta socialmente significativa, que estructura la concepción estratométrica de la actividad grupal. El ensayo

que aquí se presenta ofrece una breve historia del origen de los estudios sobre grupos y colectivos en la psicología social soviética, los momentos en que se desarrolló la concepción estratométrica y la estructura de esta concepción. Para ello, se desarrolló un estudio teórico-conceptual que analizó partes seleccionadas de la obra 'Teoría Psicológica del Colectivo', de A. V. Petrovski. Se observó relevante rigor metodológico, coherencia epistemológica y consistencia teórica. Se hace una fuerte crítica, especialmente metodológica, a los estudios sobre grupos pequeños en la psicología social tradicional. El aporte que destaca es la elaboración de una teoría psicológica del colectivo, que es la base de la concepción estratométrica, cuya estructura conceptual se sustenta en los resultados de experimentos formativos. La teoría propuesta por Petrovsky permite el abordaje de los grupos basados en la teoría de la actividad, considerando la diferenciación entre grupos y colectivos, y fomentando el debate sobre el lugar de los colectivos en la sociedad.

Palabras clave: Psicología social; Grupos; Concepción estratométrica; Psicología histórico-cultural; Petrovsky, Arthur Vladimirovich, 1924-2006.

Introdução

A obra do psicólogo russo Arthur Vladimirovich Petrovski (1924-2006) é pouco conhecida no contexto da Psicologia Social contemporânea. Autores e obras relacionadas à Psicologia Histórico-Cultural vêm sendo crescentemente estudados por pesquisadoras/es brasileiras/es, em especial a partir de problemas de pesquisa relacionados à psicologia do desenvolvimento, à psicologia escolar e da educação e aos estudos da linguagem. No entanto, não é usual a abordagem do trabalho com grupos e do processo grupal com base na Psicologia Histórico-Cultural, mesmo sendo amplamente utilizado como recurso para a intervenção do profissional de Psicologia e para a produção de dados de pesquisa nas ciências humanas e sociais.

Não obstante, há alguns esforços recentes de retomada dos fundamentos, dos conceitos e dos métodos para o estudo dos grupos com base nas contribuições de Petrovski, em pesquisas cujos resultados foram publicados em teses de doutorado (Dalla Vecchia, 2011; Fernandes, 2015; Schühli, 2020), capítulos de livros (Correia, 2020a, 2020b; Schühli & Martín, 2021) e artigo (Fernandes, 2022). Para identificar elementos para uma abordagem histórico-cultural dos grupos, estes estudos partem, em especial, de dois livros do autor que tratam mais diretamente sobre o tema: (1) *Teoría Psicológica del Colectivo*, originalmente publicado em 1979, no qual estão descritos os experimentos cujos resultados ofereceram subsídios à concepção estratométrica, enquanto nova metodologia de abordagem dos

grupos e coletivos (Petrovski, 1986), e (2) *Personalidad, Actividad y Colectividad*, publicada no original em 1982, obra-síntese do autor acerca do problema do coletivo com base na concepção estratométrica da atividade grupal, porém incorporando de forma mais bem acabada as suas considerações acerca da personalidade no coletivo (Petrovski, 1984).

Em Dalla Vecchia et al. (2023) foi realizada uma apresentação da biografia de A. V. Petrovski, fundamentalmente a partir da entrevista por ele concedida à pesquisadora Marta Shuare (2017) no ano de 1988, seguida de uma revisão sobre o livro *Personalidad, actividad y colectividad*, visando à apresentação de alguns dentre os principais aspectos da sua obra. O livro *Teoria Psicológica del Colectivo* foi abordado mais circunstancialmente naquela publicação, restando uma lacuna na análise mais aprofundada dos sobre as pesquisas realizadas por Petrovski e colaboradores e seus resultados.

Nesta oportunidade, assim, buscou-se contribuir com o aprofundamento teórico-conceitual acerca da concepção estratométrica da atividade grupal de A. V. Petrovski, com base na análise imanente do livro *Teoria Psicológica del Colectivo*. O estudo desenvolvido oportunizou sistematizar contribuições para a abordagem dos grupos a partir da Psicologia Histórico-Cultural, considerando-se *a oportunidade e o potencial emancipatório do coletivo enquanto nível superior de desenvolvimento do grupo*.

Para este fim, foi realizado um estudo teórico-conceitual (Whetten, 2013; Fontes & Falcão, 2015) subsidiado pela adoção do procedimento de *análise imanente* proposto por Lessa (2014), que inspirou o procedimento adotado neste estudo, cuja apresentação e discussão fará parte da versão final do ensaio. Ao final do estudo, foi elaborado um ensaio teórico-conceitual (Meneghetti, 2011) contendo uma sistematização dos principais resultados. Trata-se de um ensaio preliminar, que se encontra em construção, e o texto apresenta os resultados dos estudos viabilizados dentro do cronograma proposto.

O livro *Teoria Psicológica del Colectivo* é um compilado das pesquisas desenvolvidas sob direção de A. V. Petrovski no decorrer dos anos 1970 pelo Laboratório de Investigações Psicológicas da Personalidade no Coletivo, do Instituto de Investigação Científica de Psicologia Geral e Pedagógica, da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A edição original foi publicada na URSS em 1979, e a edição cubana, em espanhol, na qual se baseia o presente ensaio, no ano de 1986. Os resultados dos estudos empíricos desenvolvidos consistem em momentos de elaboração da estrutura conceitual e metodológica da concepção estratométrica da atividade grupal, por intermédio da teoria da

mediação das relações interpessoais pela atividade conjunta socialmente significativa.

A obra é aberta com uma Nota de Apresentação à Edição Cubana, redigida por Mara Fuentes Ávila, pesquisadora à época do Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas de Cuba (CIPS). Ela desenvolveu estudos em Psicologia Social sobre trabalhos com grupos e mediação de conflitos, dentre outros temas, e foi a responsável pela revisão técnica da publicação. Ela apresenta a obra em panorâmica, destacando suas relevantes contribuições para o desenvolvimento teórico e metodológico da Psicologia em Cuba e, em especial, para os psicólogos sociais.

Na apresentação “Do redator”, Petrovski (1986) aponta que a crise da Psicologia Social nos Estados Unidos é uma crise metodológica. Segundo ele isso ocorre porque há uma concentração, nos estudos da Psicologia Social tradicional acerca dos pequenos grupos, em um método de abordagem que busca o estabelecimento de relações de causa-efeito recorrendo à lógica formal, por exemplo: o exercício de pressão grupal *produz* subordinação à pressão, o grupo atrai certos indivíduos pelas suas propriedades e *produz* o rechaço de outros, o aumento da comunicação e dos contatos interpessoais *produz* maior coesão grupal etc. Assim, o autor observa um *desprezo da psicologia social tradicional pelo conteúdo da atividade do grupo*, ao passo que são propostos procedimentos empíricos que colocam, para os participantes, tarefas elaboradas em torno de estímulos pretensamente neutros, que não sejam para eles significativos, visando, idealmente, observar a ação isolada de variáveis independentes e dependentes.

Petrovski (1986) sustenta que o modelo experimental do grupo difuso se tornou um dogma metodológico na abordagem científica dos problemas relacionados aos pequenos grupos. Para este modelo, o pequeno grupo é visto como uma reunião de indivíduos, uma espécie de “ambiente social” em geral, não sendo compreendido como um nível da realidade social particular, com suas propriedades específicas: “a psicologia ocidental não reconhece o coletivo como comunidade social”² (p. 2). Há uma consequência lógica em realizar investigações adotando desenhos de estudo cuja validade interna se baseia em assegurar a aleatorização dos indivíduos que compõem os grupos a serem investigados: dada a especificidade dos coletivos, os resultados das investigações que tomam os grupos difusos como *protótipo* de todo grupo social não são generalizáveis aos coletivos. Assim, o

²Será realizado, no decorrer de todo o texto, tradução livre do espanhol ao português das citações literais de *Teoria Psicológica del Colectivo*, obra em análise.

estudo experimental de pequenos grupos com base nestes parâmetros metodológicos não pode ser modelo para a compreensão da comunidade humana em geral, perdendo, portanto, validade externa.

Considerando as tarefas colocadas pelo 24º e 25º Congressos do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), ocorridos nos anos de 1971 e 1976, respectivamente, e as necessidades do socialismo desenvolvido na URSS, Petrovski (1986) aponta que o objetivo de “buscar e encontrar vias adequadas e cientificamente argumentadas para a formação de uma posição vital ativa do homem mediante sua educação no coletivo e mediante o coletivo” (p. 3), bem como de “ver e compreender *a personalidade no coletivo e o coletivo na personalidade* [grifos do autor]” (p. 3). Dessa forma, o autor articula o conhecimento produzido pelos estudos desenvolvidos sob sua direção com as tarefas da planificação socialista demandadas pelos Congressos do PCUS em curso à época na URSS.

Petrovski (1986) sintetiza da seguinte maneira a ideia central de *Teoria Psicológica del Colectivo*: “o estado da personalidade no coletivo e os processos de formação nele das relações interpessoais, seu caráter e regularidades, são *diferentes em princípio* [grifos do autor], em comparação a como se determinaram e se fixaram na psicologia social burguesa” (p. 3). Identifica, assim, a necessidade de resolver as seguintes tarefas com relação à direção das investigações a serem realizadas: (1) observar e considerar as *diferenças metodológicas entre grupos difusos e coletivos*, (2) interpretar *teoricamente* tais diferenças, (3) assinalar como estas diferenças *se manifestam empiricamente*, (4) evidenciar a importância deste estudo para a *solução de problemas aplicados*, principalmente, aqueles de natureza pedagógica, e (5) formular um *princípio metodológico geral que fundamente* o estudo de quaisquer grupos.

O autor contextualiza que os fundamentos do enfoque estratométrico foram formados entre 1969 e 1973, e que vários dos artigos e outros textos produzidos neste período foram incluídos em *Teoria Psicológica del Colectivo* (Petrovski, 1986) em versões ampliadas. O livro, assim, traz um primeiro esboço dos fundamentos da *concepção estratométrica da atividade grupal* – ou ainda, simplesmente, da *concepção estratométrica* – considerando as investigações realizadas até o final do ano de 1977, concentrando-se nos estudos que tinham, à época, o potencial de apresentar as características centrais e a proposta teórico-metodológica desta concepção. Não obstante Petrovski (1986) reiterar, em várias oportunidades, que a teorização elaborada e apresentada no livro se encontra em

desenvolvimento, ele argumenta que processos grupais tais como *autodeterminação coletivista (AC)*, *unidade valorativa e de orientação (UVO)* e *identificação eficaz e emocional do grupo (IEEG)*, que serão apresentados a seguir, subsidiam a estrutura da concepção estratométrica da atividade grupal.

A publicação, editada por A. V. Petrovski, é organizada em capítulos redigidos por diferentes autoras/es, e é dividida em três partes: (1) *Formação da concepção estratométrica da Psicologia do Coletivo*, composta pelos capítulos 1 e 2, que tratam do desenvolvimento e da origem do enfoque estratométrico; (2) *Fenomenologia das relações interpessoais nos grupos e coletivos*, composta pelos capítulos 3 a 8, que apresentam fenômenos das relações interpessoais nos grupos e coletivos cujo estudo sustentou a formação da concepção estratométrica da atividade grupal, e (3) *A concepção estratométrica e os problemas atuais da investigação sócio-psicológica*, na qual se discutem, dos capítulos 9 a 12, desdobramentos da concepção estratométrica na abordagem de problemas da Psicologia Social. Desde seu início, a obra de Petrovski (1986) impressiona pelo rigor metodológico e coerência epistemológica com que foram desenvolvidas e apresentadas as pesquisas realizadas, pesquisas estas cujos resultados deram sustentação para a proposição da concepção estratométrica.

A fim de apresentar o desenvolvimento da concepção estratométrica da atividade grupal, por meio da teoria da mediação das relações interpessoais pela atividade conjunta socialmente significativa, entendeu-se relevante realizar um breve histórico do estudo dos grupos e dos coletivos na psicologia social soviética. A seguir, será apresentada a origem da concepção estratométrica da atividade grupal no contexto da psicologia social soviética e das tarefas então postas para o desenvolvimento da sociedade socialista soviética. Finalmente, se apresentará a formação e a estrutura teórico-metodológica da concepção estratométrica da atividade grupal, subsidiada pela teoria da mediação das relações interpessoais pela atividade.

Breve histórico dos estudos sobre grupos e coletivos na psicologia social soviética

Petrovski (1986) argumenta que, após a Revolução Russa de 1917, passa a interessar aos psicólogos “o homem histórico, concreto e cheio de vida; a muitos não lhes satisfazia o estudo do homem em geral, visto fora de tempo e espaço” (p. 10). Nos primeiros anos após

a Revolução, porém, a psicologia “objetiva”, fundamentada na reflexologia, assumiu um papel central no estudo das ciências humanas, por meio de uma busca pela universalização das leis da Física e da Biologia ao terreno do desenvolvimento da natureza e da sociedade. O autor aponta a afinidade de princípios entre as leis da *reflexologia coletiva* de Bejterev e as leis *tectológicas* de Bogdanov, na década de 1920, por meio das quais a sociedade é vista como nada mais que uma máquina fisiológica de grandes proporções, que pode ser estudada da mesma forma como que se estuda a fisiologia humana:

o materialismo mecanicista, a base filosófica de todas as normas da reflexologia, nunca pode se elevar aos critérios científicos acerca da sociedade e da personalidade. O idealismo na compreensão da história se estendeu, desta maneira, como uma tendência orgânica e constante do materialismo mecanicista (Petrovski, 1986, p. 12).

Ainda que houvesse um notável esforço por pesquisadores da Psicologia Social soviética para estudar problemas sócio-psicológicos³³ concretos, na direção de buscar garantir consistentemente uma fundamentação com base nos clássicos do marxismo para estes estudos – as hipóteses de trabalho de A. B. Zalkind, M. A. Reisner e L. N. Voitlovski são resenhadas por Petrovski (1986) – na década de 1920 as investigações científicas ainda tinham um caráter centralmente especulativo. Segundo o autor, havia uma combinação eclética do marxismo-leninismo com a “reflexologia, a psicopatologia, o freudismo e o empirismo sociológico subjetivo” (p. 16), e isso se dava principalmente pela *falta de domínio do materialismo histórico*. Como resultado das críticas à incapacidade da Psicologia Social dar respostas concretas aos problemas concretos daquele momento histórico, houve uma *redução do interesse* na disciplina. À falta de domínio do materialismo histórico pelos pesquisadores soviéticos daquele momento histórico, Petrovski (1986) aponta que se juntaram outros três motivos para esse desinteresse: (1) como havia críticas ao individualismo da psicologia idealista vigente na URSS à época, a psicologia social seria seu contraponto, e este *social* passa a ser utilizado como um *adjetivo dos fenômenos psicológicos*, nem sempre de modo consistente, em todos os manuais de psicologia mais reconhecidos; (2) visto que, em decorrência disso, a psicologia é pensada como uma ciência

³³ Em todo o livro, Petrovski (1986) adjetiva o âmbito sua investigação como de natureza *sócio-psicológica* ao invés de *psicossocial*, como mais habitualmente são denominados os objetos que envolvem o campo da Psicologia Social na tradição ocidental. Foi mantida a denominação adotada pelo autor, sem entrar no debate terminológico e conceitual nesta oportunidade, apesar da sua inegável importância.

social, uma *psicologia social específica* não era vista como essencial pelo fato do *social* ser algo intrínseco à própria disciplina, e (3) havia temores de que a psicologia social substituísse o materialismo histórico por meio de uma *psicologização dos fenômenos sociais* na abordagem de acontecimentos essencialmente históricos.

Porém, foi na *pedagogia socialista* de Anton Semyonovich Makarenko (1888-1939) que a *psicologia social soviética* reencontrou seu lugar, enquanto ramo auxiliar particular do materialismo histórico, na compreensão dos processos de produção e reprodução social: “a teoria acerca do coletivo proposta no trabalho de A. S. Makarenko se converteu em premissa para estudar os problemas da psicologia social” (p. 18). Segundo Petrovski (1986), Makarenko revê a posição do homem no coletivo, entendendo haver uma *influência formadora do coletivo na personalidade*, de modo que o coletivo passa a ser o centro da intervenção pedagógica: “Makarenko concebia o objetivo do processo educativo pelas qualidades projetadas da personalidade, os traços de caráter e as tendências de desenvolvimento dos mesmos que se destacam de maneira definida em cada ser humano” (p. 19). Neste sentido, o *estudo da personalidade do educando* passa a ser visto como um aspecto relevante para a *organização do trabalho docente*.

Segundo Petrovski (1986), Makarenko também se ocupou da formação e desenvolvimento das necessidades da personalidade por meio do trabalho educativo e do coletivo familiar, destacando a formação das necessidades coletivistas neste processo: “a necessidade moralmente justificada é a necessidade do homem relacionada ao seu coletivo pelo objetivo único do movimento, pela unidade de sua luta e pela sensação verdadeira e indubitável de seu dever diante da sociedade” (p. 20). Assim, Petrovski (1986) afirma que a psicologia social marxista-leninista tem uma dívida importante com o legado de Makarenko: “o traço mais valioso de Makarenko como psicólogo é que superou totalmente a contemplação passiva da investigação psicológica da personalidade” (p. 21). Segundo o autor, isso levou a uma profunda *mudança na direção do conteúdo* das investigações sócio-psicológicas.

Porém, Petrovski (1986) destaca que, para além das mudanças relacionadas ao conteúdo das investigações, no desenvolvimento da psicologia social soviética também se pode identificar uma mudança central no método concreto de abordagem dos fenômenos sócio-psicológicos: até fins dos anos 1950 e início dos anos 1960 predominavam *estudos observacionais* e, deste período em diante, os *experimentos* passaram a ser utilizados para

obter dados de investigações concretas. O autor contextualiza que, no decorrer dos anos 1960, entre o primeiro (1959), segundo (1963) e terceiro (1968) Congressos da Sociedade dos Psicólogos, os problemas da psicologia social foram crescentemente debatidos, e esta área se firmou como uma das seções da referida Sociedade. Os estudos que abordavam problemas sócio-psicológicos no decorrer dos anos 1960 passaram a adotar um *enfoque empírico*, adotando, porém, desenhos de *estudos experimentais mais tradicionais*, seguindo a metodologia utilizada na psicologia social ocidental. Como se verá adiante, porém, o conjunto de estudos que estabeleceu a base para a proposição da concepção estratométrica da atividade grupal, desde fins dos anos 1960 e no decorrer dos anos 1970, foram desenvolvidos recorrendo-se principalmente a *experimentos formativos*, realizados no contexto concreto de grupos reais, principalmente no meio laboral, escolar e esportivo.

Petrovski (1986) afirma que a área de psicologia social do final dos anos 1970 reunia os seguintes tipos de *problemas estruturantes*: (1) *fenômenos psicológicos nos grandes grupos (meio macrossocial)*: comunicação em massa, moda, propagação de rumores, ritos, prevenção, psicologia das classes e das nações etc.; (2) *fenômenos psicológicos nos pequenos grupos (meio microssocial)*: relações interpessoais nos grupos, atmosfera de grupo, comunicação, liderança, tipologia dos grupos, coesão de grupo, orientações de valor do grupo, particularidades psicológicas do coletivo como grupo de nível superior de desenvolvimento etc., e (3) *manifestações sócio-psicológicas da personalidade (psicologia social da personalidade)*: particularidades diferenciais psicofisiológicas e psicológicas da personalidade (tipologia), e particularidades devidas às exigências colocadas pela atividade sócio-laboral na formação da personalidade e na periodização do desenvolvimento.

Aludindo mais especificamente às manifestações sócio-psicológicas da personalidade, o autor sugere que a personalidade também pode ser investigada quanto: (1) à sua correspondência ou não a determinadas expectativas sociais, (2) à assimilação pela personalidade da influência de grandes e pequenos grupos, bem como das suas orientações de valor, e (3) à dependência destes grupos na auto-avaliação da personalidade, na avaliação da personalidade sobre os grupos e dos grupos sobre a personalidade. Para Petrovski (1986), “a personalidade se converte em objeto da psicologia social quando a mesma é tomada no sistema de suas inter-relações com o grupo e quando se explicam seus traços e particularidades (da personalidade) como constituintes de uma projeção nestas inter-relações” (p. 24). Para isso, as investigações experimentais devem ser propostas a

partir das concepções psicológicas da personalidade e do coletivo em bases marxistas-leninistas, propondo novos conceitos e a correspondente terminologia sócio-psicológica.

Petrovski (1986), assim, faz um apanhado da história do desenvolvimento da psicologia social como área específica da psicologia soviética no contexto da URSS, apontando seu desenvolvimento temático e os desafios metodológicos para o estudo dos grupos. O autor destaca, nesta história, a lacuna que fornece o mote para o desenvolvimento da concepção estratométrica da atividade grupal: a necessidade de reconhecer e abordar as *especificidades do coletivo como grupo de nível superior de desenvolvimento*, bem como do *desenvolvimento da personalidade* neste contexto, enquanto tarefas fundamentais da psicologia social.

Origem e desenvolvimento da concepção estratométrica da atividade grupal

Petrovski (1986) anuncia a relevância do *estudo dos coletivos*, de sua formação e de seu funcionamento, devido ao fato de ser o coletivo um *elo entre personalidade e sociedade*, sendo assim seu estudo e abordagem fundamentais no desenvolvimento da psicologia social no âmbito da ciência soviética e na construção da sociedade socialista. Dentre os fenômenos estudados, encontram-se aqueles relacionados às “inter-relações e a interação dos membros do coletivo” (p. 26): coesão, clima psicológico, percepção do coletivo pelos participantes, compatibilidade dos participantes do coletivo, singularidade da personalidade no coletivo, perspectiva da personalidade no coletivo em relação às perspectivas do próprio coletivo etc. Petrovski (1986) aponta que estes estudos recorreram aos princípios da experiência de A. S. Makarenko com os coletivos pedagógicos, no âmbito da pedagogia socialista soviética, para a qual o coletivo é definido como “um grupo de pessoas unidas por objetivos comuns socialmente significativos da atividade” (p. 26).

Petrovski (1986) assinala que o progresso técnico da sociedade socialista soviética levou a que, na década de 1960, houvesse a formulação de demandas dirigidas à *solução científica de problemas oriundos em coletivos* de produção, científicos, escolares e militares. O coletivo, neste processo, é entendido como certo tipo de grupo, e uma diversidade de definições acerca do coletivo resultou da produção de conhecimento pelas teorias sócio-psicológicas soviéticas nesta década. Petrovski (1986), exemplificando esta diversidade, resgata as definições de coletivo formuladas por B. D. Pariguin, G. S. Antipina, V. I. Zatsepin,

N. S. Mansurov e K. K. Platonov. Porém, em análise crítica das definições elaboradas, Petrovski (1986) aponta que há um conjunto de definições acerca do que é um coletivo, no entanto, poucas dentre elas trazem elementos metodológicos sobre *como estudá-lo ou conhecê-lo*. Neste sentido, há uma *teorização sociológica* sobre o coletivo, no entanto, os estudos não se concentraram no estudo de como operam as relações interpessoais no âmbito do coletivo, com ausência de uma *teorização sócio-psicológica*.

Desde o início dos anos 1970 proliferaram estudos acerca da diferenciação dos grupos segundo o método sociométrico de Jacob Levy Moreno (1889-1974)⁴. Petrovski (1986) sinaliza que, no entanto, a *sociometria não oportuniza um diagnóstico diferencial entre grupos e coletivos*, e nem um avanço na investigação de seus parâmetros centrais por métodos quantitativos ou qualitativos. Para o autor, “se tomou consciência da necessidade de elaborar e utilizar metodologias experimentais adequadas acerca do estudo dos coletivos e da personalidade no coletivo” (p. 28). Com efeito, a existência de problemas relacionados ao estudo experimental dos pequenos grupos pelos métodos tradicionais era um consenso. No entanto, naqueles anos do início da década de 1970, aos estudiosos da Psicologia Social de vários centros científicos da União Soviética, não havia uma alternativa mais viável que recorrer aos trabalhos de psicólogos estadunidenses e europeus para se familiarizar com os procedimentos e as técnicas experimentais existentes, resultantes dos estudos por eles desenvolvidos. Neste sentido, Petrovski (1986) aponta o lugar relevante do *seminário sobre pequenos grupos* que ocorria em Harvard, nos Estados Unidos, no qual se envolveram R. Bales, A. Zander e D. Cartwright, dentre outros pesquisadores, visto que: (1) o campo do estudo experimental era claramente delimitado no pequeno grupo, (2) os procedimentos metodológicos elaborados eram inegavelmente engenhosos, e (3) havia interesse em compreender melhor o mecanismo de interação de grupos no ambiente laboral (trabalho em equipe, eficácia do grupo etc.), atraindo o interesse de empresários no seu

⁴ O método sociométrico, ou técnica sociométrica, foi formulada por J. L. Moreno, e consiste em um recurso simples para *avaliar interações grupais*, composto pelos seguintes passos: 1º) com base em um *critério específico* como estudar juntos, compor uma equipe de trabalho, convidar para uma festa etc., cada membro de um grupo é convidado a registrar quais pessoas do grupo ela *escolheria, não-escolheria ou seriam neutras* para a pessoa com base naquele critério, e 2º) um diagrama é elaborado, o *sociograma*, composto pelos nomes dos membros do grupo dispostos em um círculo, como as horas de um mostrador de relógio analógico, com setas ligando as pessoas que escolheram às pessoas escolhidas (ou não-escolhidas, ou neutras), formando-se uma figura que fornece um *mapa* das interações grupais em dado momento. Moreno denominou as pessoas mais frequentemente escolhidas como *estrelas sociométricas*, e as menos escolhidas como *rejeitadas*. O sociograma é um recurso de diagnóstico visando intervenção que requer cuidados éticos e rigor técnico na sua aplicação e utilização.

financiamento, e gerando conseqüentemente uma infinidade de pesquisas.

Segundo Petrovski (1986), o pequeno grupo era estudado por esta tradição enquanto “conjunto de atos de interação e comunicação de caráter preferencialmente emocional (simpatia, antipatia, indiferença, isolamento, moldabilidade, subordinação, agressão etc.)” (p. 29). Isso levou a que os traços do pequeno grupo fossem deliberadamente psicologizados e destacados do contexto social mais amplo no qual o grupo se inscreve, além de certa simplificação que daí decorre, porque se assinalam tão somente os vínculos e as relações mais superficiais e imediatas do grupo. As metodologias de investigação decorrentes dessa concepção não seriam suficientes para uma compreensão sócio-psicológica mais abrangente. Para além da crítica metodológica, Petrovski (1986) assinala adicionalmente uma crítica filosófica, citando, por exemplo, o conceito de *tele* em J. L. Moreno⁵, que cria “uma base irracional e aparentemente mística para as comunicações interpessoais nos grupos pequenos” (p. 30).

No entanto, para que fosse possível avançar nos estudos dos coletivos em bases sócio-psicológicas, era preciso reconhecer as fragilidades das próprias investigações produzidas por pesquisadores soviéticos, sintetizadas por Petrovski (1986) em três aspectos: (1) o coletivo era considerado um objeto centralmente sociológico, e não sócio-psicológico, não entrando, portanto, na esfera dos problemas a serem considerados pela Psicologia Social; (2) o recurso às metodologias consagradas pela psicologia social ocidental (às quais foi necessário recorrer pela precária apropriação do materialismo histórico) desconsiderava a relação indissolúvel entre método e objeto, abstraindo-se, portanto, o contexto dos valores e ideais da sociedade socialista, e (3) trabalhar com comunidades casuais e material não significativo levou à “mistificação dos resultados” (p. 31) e à inviabilidade de extrapolar as deduções para grupos reais. Petrovski (1986) ressalta que, ao se observar a história da ciência⁶ em retrospecto, simplificações na abordagem de problemas complexos usualmente conduzem à desconsideração das qualidades específicas do objeto de estudo, ou seja, de

⁵ O conceito de *tele* em Moreno refere-se a ideia de que, desde seu ingresso em um pequeno grupo, o indivíduo seria capaz de pressentir, de uma forma *pré-reflexiva, intuitiva, espontânea*, o grau da sua disposição para integrar aquele grupo, mesmo antes de entabular qualquer tipo de interação grupal. A *tele*, porém, é dinâmica e há uma analogia possível com a ideia de *clima psicológico de grupo*. Enrique Pichón-Rivière (1907-1977) recorre ao conceito de *tele* de Moreno na proposição dos *vetores de avaliação* em sua bem conhecida proposta de *grupo operativo*.

⁶ A. V. Petrovski dedicou-se por muitos anos ao estudo da História da Psicologia previamente ao seu envolvimento mais direto com o estudo do coletivo e da personalidade, percurso que relata em entrevista concedida em 1988 (Shuare, 2017).

suas peculiaridades qualitativas.

Petrovski (1986) discute, com base nos resultados das investigações realizadas por V. F. Safin, sob sua direção, entre 1968 a 1970, a respeito da *personalidade em circunstâncias de pressão grupal*, ou seja, sobre o grau de sugestão do indivíduo à influência do grupo. Para isso, detalha a adaptação realizada por Safin no experimento de S. Asch, posteriormente modificado por D. Krech, R. Crutchfield e L. Ballachey, a respeito da influência do outro na avaliação subjetiva da duração de um minuto. Estes autores propõem o seguinte procedimento: 1º) estudantes são treinados a determinar a duração de um minuto sem recorrer a um relógio, e em pouco tempo o fazem com precisão de ± 5 segundos, e 2º) a seguir, os estudantes são alocados em cabines para determinar esta duração; mas lâmpadas acendem ao ser pressionado o botão, e o experimentador podia emitir sinais de confundimento às cabines. O grau de sugestão poderia ser avaliado pela diferença entre a avaliação na situação individual (1ª) e a grupal (2ª). Quanto maior este grau, maior a tendência do indivíduo à conformidade. Seguiu um novo procedimento: 3º) novamente em situação individual, se solicitava aos participantes avaliar a duração de um minuto. Conclui-se que a *tendência à conformidade* seria observada nos indivíduos que mantêm a estimativa feita no 1º procedimento, e a *tendência à sugestão* naqueles que mantêm a do 2º procedimento. Petrovski (1986) assinala que os resultados deste estudo, realizados previamente à elaboração da teoria psicológica do coletivo, levaram a um falso dilema ético e pedagógico: seria mais adequada a formação da *estabilidade da personalidade*, enquanto capacidade de se contrapor às influências dos grupos, ou indivíduos flexíveis quanto a estas influências?

A crítica metodológica realizada pelo autor é sintetizada da seguinte forma:

É possível que a aceitação ou não da pressão do grupo possa modelar, até certo ponto, corretamente, a conduta do indivíduo em uma aglomeração casual de pessoas, porém, isso não deve se apresentar como um modelo representativo da conduta da personalidade no coletivo, que deve relacionar necessariamente o problema da interação do grupo com *o conteúdo do que influencia a personalidade* [grifos nossos] mediante as comunicações do grupo (p. 36).

Para Petrovski (1986), empregar o coletivo no âmbito laboral, escolar, militar, esportivo etc. com base nas proposições de N. K. Krupskaya, A. S. Makarenko, S. T. Shatski e V. A. Sujomlinski, dentre outros, no contexto da União Soviética pós-revolucionária, significa

ter em perspectiva a influência do *princípio ético do coletivismo da sociedade socialista* quanto aos problemas de pressão grupal. Petrovski (1986) resgata o estudo de V. A. Bakeev, publicado em 1971, que já apontava para o fato de que, em todos os grupos etários, a influência no indivíduo da opinião de pessoas oriundas de grupos casuais é maior do que de pessoas que compõem um coletivo do qual esse indivíduo faça parte. A influência da sugestão dada a situação de indeterminação já havia sido assinalada pela própria psicologia social tradicional. Algo diverso ocorre no coletivo:

Ao conhecer bem todos os membros do coletivo e ao coletivo em geral, o indivíduo reage consciente e seletivamente diante da opinião de cada um, orientando-se nas relações e avaliações formadas na atividade conjunta e nos valores aceitos e aprovados por todos (Petrovski, 1986, p. 37).

Assim, para além de alguma gradação entre os pólos autonomia-subordinação, bem como em contraste com as “disposições inconscientes da sugestão” (p. 37), que predominam nas influências à personalidade no caso dos grupos difusos, uma possibilidade concreta dos coletivos consiste na *autodeterminação coletivista da personalidade (AC)*⁷: “a atitude da personalidade com relação às influências dessa comunidade concreta [o coletivo] é seletiva, aceita alguns e rechaça outros, na dependência dos fatores mediadores, das avaliações, das convicções e dos ideais” (p. 37). Em uma passagem bastante significativa, Petrovski (1986) aponta que “no coletivo a personalidade encontra a liberdade como conscientização da necessidade de atuar em correspondência com suas orientações valorativas” (p. 38). Assim, o desenvolvimento da AC salienta uma peculiaridade do coletivo, consistindo em uma forma predominante de reação da personalidade à pressão grupal, que se manifesta especificamente nestas circunstâncias.

I. A. Oboturova realizou um primeiro experimento dedicado a investigar a AC⁸, com

⁷ Petrovski (1986, p. 38) registra que a hipótese do fenômeno da AC foi apresentada por ele como uma tese, preparada para o XIX Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Londres, no ano de 1969, intitulada “Conformismo e coletivismo”. Segundo ele, o fenômeno foi passando por redenominações: inicialmente *coletivismo*, posteriormente *autodeterminação da personalidade no grupo* e, enfim, *autodeterminação coletivista*.

⁸ O capítulo 4 de *Teoria Psicológica da Personalidade* (Petrovski, 1986) enfoca o fenômeno da AC, abordando a crítica sobre o conceito de pressão grupal no âmbito dos estudos sobre grupo da psicologia social tradicional, a proposição teórica e os experimentos realizados para subsidiar a hipótese da AC são detalhados no capítulo 4 de Petrovski (1986).

grupos escolares, publicado no ano de 1973 em sua tese de candidatura⁹. O experimento realiza o seguinte procedimento: 1º) um conjunto de convicções éticas era apresentado e os participantes tinham que manifestar se concordavam ou discordavam de cada uma delas; 2º) um grupo de participantes foi criado, contendo uma maioria de pessoas com posição majoritariamente concordante com as referidas convicções éticas, e uma minoria com posição predominantemente discordante; 3º) para este grupo, foram dirigidas as seguintes questões: o que significa, psicologicamente, estar de acordo com os juízos propostos? A aceitação geral das normas sociais apresentadas é resultado da subordinação à pressão do grupo? É pelo desejo de ser como os demais que uma norma social é tida como socialmente aceita e desejada pelo indivíduo? Esta era a hipótese do *conformismo*. Por outro lado, será que a situação não resulta sequer do conformismo nem da subordinação à pressão, mas sim de uma “coincidência das avaliações da personalidade com as avaliações éticas geralmente aceitas, expressas nos juízos propostos?” (p. 39). Esta era a hipótese da *autodeterminação coletivista*, que consiste, rigorosamente, em uma alternativa ao conformismo; 4º) um grupo confabulado¹⁰ foi introduzido a fim de que a pressão grupal fosse conduzida na direção contrária à afirmação das normas sociais apresentadas anteriormente, criando uma situação conflitiva, a partir da qual os participantes do grupo poderiam ceder ou sustentar as normas que anteriormente aprovavam. Observou-se que a maioria das pessoas revelava AC, e uma minoria, conformismo.

Petrovski (1986) aponta que o experimento de Oboturova foi realizado sob a base de *avaliações de caráter ético* por parte tanto da *personalidade* quanto do *coletivo*. No entanto, argumenta que, de acordo com a definição, AC pressupõe não somente a defesa de determinados princípios morais e éticos quanto, também, dos *objetivos e tarefas* de caráter coletivista, articulados com base na atividade conjunta. Para lidar com esta lacuna, A. A. Turovskaia propôs pesquisar como se dá a “autodeterminação da personalidade sobre a base da defesa dos objetivos e interesses do coletivo” (Petrovski, 1986, p. 40). Para isso, realizou um experimento com o seguinte procedimento: (1º) alunos eram apresentados a um rol de objetivos socialmente significativos, os quais eles deveriam avaliar pelo método

⁹ Como o grau da tese de candidatura não é indicado, optou-se por manter a expressão conforme a tradução em espanhol, nesta e nas futuras ocorrências.

¹⁰ Mantivemos a denominação utilizada originalmente pelo autor, “grupo confabulado” (p. 39), que se repete em outros momentos da obra. Trata-se de um subgrupo de *atores* introduzido em um grupo maior, o qual desempenha uma tarefa *previamente definida* pela equipe de pesquisa, a fim de examinar *processos psicossociais* decorrentes do desempenho desta tarefa naquele grupo em específico.

dos intervalos (desejáveis, não desejáveis, neutros); (2º) foram formados grupos com atitude semelhante quanto ao objetivo proposto; (3º) os grupos deveriam materializar um objetivo que havia sido aprovado por todos. A seguir, buscou-se identificar se e como o fenômeno de AC se manifestava.

Segundo Petrovski (1986), os resultados da pesquisa de A. A. Turovskaia demonstraram que “a aparição da AC depende da medida em que se atribuem os objetivos socialmente aprovados do grupo a *cada um de seus membros* [grifos nossos]” (p. 40), havendo *baixa dependência manifesta da atração inicial* do objetivo. No contexto do objetivo materializado no 3º procedimento, acima descrito, havia grupos com “um grande trabalho educativo quanto à materialização dos objetivos gerais do grupo” (p. 40), gerando uma atitude *socialmente avaliativa* do próprio grupo. Nestes grupos, mais incorporados às atividades, os índices de AC foram duas vezes maiores. Seus participantes não renunciavam aos objetivos traçados e resistiam inclusive às informações introduzidas no experimento que visavam desviar sua atenção. Havia um entendimento da dificuldade de se concretizar o *objetivo coletivista* traçado, mas a AC implicava compreender a “autodeterminação da personalidade na esfera das avaliações morais aceitas e apropriadas pelo coletivo” (Petrovski, 1986, p. 41). Buscou-se avançar na explicação de fenômenos tais quais os *tipos de grupos*, conforme sua estrutura, por meio do “experimento sócio-psicológico formador” (p. 41)¹¹.

O autor salienta que os estudos demonstraram o caráter prioritário da *comunicação* e do *comunicador* em face do *conteúdo da informação* transmitida. Observações registradas em contexto experimental deram conta de que o prestígio da fonte da comunicação (comunicador) e o contexto em que a informação se insere (comunicação) incidiam na aceitação dos argumentos pelo indivíduo. No entanto, não se pode considerar que o alto prestígio da fonte de comunicação tenha uma ação decisiva a ponto de sobrepor sua influência ao conteúdo dos valores do coletivo. O autor aponta que, assim, os estudos se dirigiram a “manifestar, desde posições experimentais, as condições sócio-psicológicas nas quais a regularidade expressa pela fórmula de AC está vigente” (p. 43).

¹¹ O autor possivelmente se refere ao debate metodológico acerca do desenho de estudo contextualizado na Psicologia Social brasileira como *experimento formativo* (Moreira et al., 2021; Lima & Campos, 2023). Nos capítulos componentes da parte 2, *Fenomenologia das Relações Interpessoais nos Grupos e Coletivos*, da obra em análise (Petrovski, 1986), há freqüentes menções a elementos do experimento formativo nas metodologias dos estudos desenvolvidos.

Os estudos realizados permitiram concluir que a AC consiste em uma regularidade observável nas ações do coletivo expressa pela “solidariedade consciente da personalidade com as avaliações e tarefas do coletivo como comunidade unida por objetivos a ideais, que saíram do marco do grupo dado, e foram incluídos na ideologia da sociedade” (p. 41)¹². Petrovski (1986) passa a considerar, tendo em vista a discussão de questões de método, que haveria limitações no denominado *grupo confabulado* como método de pesquisa. O autor aponta que recorrer ao grupo confabulado restringiu a maior parte dos estudos ao *paradigma da pressão de grupo*. Ele denuncia que o estudo da personalidade precisava sair da encruzilhada que se encontrava entre uma *pré-determinação da personalidade pelo meio* e uma *autonomia absoluta da personalidade diante do meio*. Defende, assim, o estudo da “interação ativa da personalidade e do grupo” (p. 42) para que se possa compreender “a *determinação real da conduta da personalidade como posição do grupo* [grifos nossos]” (p. 42).

O uso abrangente do grupo confabulado conduziu as metodologias dos estudos concretos a limitações tais quais o recurso a tarefas sem sentido (tamanho de segmentos ou de intervalos de tempo, por exemplo), levando a interações superficiais. No estudo do *conformismo* pela psicologia social tradicional, por exemplo, se colocava que a única alternativa possível ao conformismo seria o inconformismo. Petrovski (1986), no entanto, assinala que o *coletivismo oriundo da AC* é também uma alternativa ao conformismo, emergindo, porém, da atividade conjunta socialmente significativa.

O estudo da AC se coloca, então, como uma *plataforma metodológica* nas investigações acerca do coletivo: “a importância do fenômeno AC na formulação da nossa teoria sócio-psicológica é extraordinária” (p. 44). O coletivo não poderia ser estudado exclusivamente como uma comunidade emocional-psicológica suscetível de pressão grupal, que era a abordagem prevalente acerca dos grupos nos estudos da psicologia social tradicional daquele período, mas também era fundamental considerar os *fatores mediadores das relações interpessoais*.

Petrovski (1986) sugere que o estudo dos coletivos, conforme as premissas da AC, pode levar à identificação de outros fenômenos sócio-psicológicos de interesse,

¹² A alusão à *dialética singular-particular-universal* (Pasqualini & Martins, 2015) na abordagem metodológica dos grupos é possível, ao considerar-se, por exemplo, *personalidade* como singular, *coletivo* como particular, *ideologia* como universal.

qualitativamente distintos daquele encontrados nos grupos difusos. No caso do estudo do conformismo, por exemplo, o autor ressalta que a submissão ou a resistência à influência do grupo eram os desfechos habituais dos estudos sobre o conformismo. Ocorre que há, porém, uma diversidade enorme de *elos intermediários*, de *mediações*, que vão operar nos *coletivos*. Para avançar na discussão, Petrovski (1986) apresenta uma definição de *coletivo*, diferenciando-o de grupo:

No coletivo desempenham um papel determinante a interação e as inter-relações dos homens mediadas pelos objetivos, tarefas e avaliações da atividade conjunta; quer dizer, por seu conteúdo real. Desde este ponto de vista, o coletivo é um grupo no qual as relações interpessoais estão mediadas pelo conteúdo socialmente importante e de interesse para a personalidade da atividade conjunta

Com base nesta definição e das considerações efetuadas anteriormente, os coletivos foram estudados experimentalmente a partir de um conjunto de parâmetros. O *primeiro parâmetro* do estudo do coletivo foi a AC, conforme já discutido. Petrovski (1986) sugere que sua precedência não é somente cronológica, por ter sido o primeiro parâmetro estudado experimentalmente, mas também metodológica, visto ser o parâmetro hierarquizado como o fundamental.

O *segundo parâmetro*, a coesão como *unidade valorativa e de orientação* (UVO), importante para a “compreensão da estrutura de atividade interna do grupo” (Petrovski, 1986, p. 46), foi estudada por V. V. Shpalinski e apresentado em sua tese de candidatura de 1973. Este parâmetro¹³ foi delimitado a partir da crítica da psicologia social tradicional, que deduz a coesão grupal a partir do número e da intensidade dos episódios de comunicação e da duração das interações que ocorre entre seus membros. Com efeito, para Petrovski (1986), “a coesão do grupo deve ser buscada na *coincidência das avaliações e disposições* [grifos nossos] do grupo com respeito aos objetos de interesse para o grupo em geral e relativos aos *aspectos essenciais da atividade* [grifos nossos] conjunta orientada” (p. 46). O destaque é para o fato de que as manifestações de UVO têm nível mais alto no coletivo, considerando as relações interpessoais que nele ocorrem, e baixo nível no grupo difuso.

Quase que simultaneamente ao estudo da UVO, foi investigado o *terceiro parâmetro*, que é a *identificação eficaz e emocional do grupo* (IEEG)¹⁴. O autor aponta que

¹³ Os estudos a respeito da UVO são detalhados no capítulo 3 de Petrovski (1986).

¹⁴ Os estudos a respeito da IEEG são detalhados no capítulo 5 de Petrovski (1986).

havia o interesse de estudar de modo diferencial dois aspectos inter-relacionados no grupo: (1) as *interações grupais*, dadas mais imediatamente, entendidas como “conjunto de relações comunicativas, operacionais e inter-individuais que são determinadas pela tarefa concreta, atualizada no grupo no momento dado” (p. 47), e (2) as *inter-relações grupais*, que são mais latentes e requerem instrumentos para sua abordagem, e podem ser definidas como:

sistema de ... orientações, expectativas, determinadas pelas avaliações e emoções que surgem no processo da comunicação interna do grupo, e nos grupos de alto nível de desenvolvimento estão determinadas, em primeiro lugar, pelo conteúdo socialmente valioso e significativo para a personalidade da atividade conjunta (p. 47).

Petrovski (1986) sustenta que a unidade entre interação e inter-relação precisa ser assegurada, sem prioridade de nenhum dos dois processos, ou seja, sem “a destruição injusta de sua unidade” (p. 47), sob o risco de a unidade transformar-se em identidade. O autor aponta que a psicologia social tradicional, ao ter enfatizado a interação grupal e desprezado o conteúdo da atividade conjunta, perdeu capacidade de extrapolação das deduções obtidas para outros contextos, ou seja, detém baixa validade ecológica¹⁵. O autor conclui que a *crise metodológica da psicologia social tradicional* decorre, principalmente, de problemas originados na própria *concepção metodológica geral*, e apenas circunstancialmente por problemas das *metodologias específicas* utilizadas em cada estudo. Neste sentido, Petrovski (1986) critica que a teoria tradicional tem representado as relações interpessoais concretamente entabuladas nos grupos como “certas forças ideais não materializadas nem objetivadas” (p. 48), gerando deduções especulativas e meramente verbais. O autor defende que se considerarem as *relações interpessoais no sistema* que as constitui para não se limitar à abordagem das interações mais imediatas:

A unidade da interação e das relações interpessoais significa que a atividade de grupo só pode ser corretamente compreendida e adequadamente descrita quando o psicólogo vê por trás da interação dos membros do grupo um *sistema* [grifos do autor] de relações interpessoais que não só condicionam as ações diárias atualizadas pela tarefa dada, senão também os objetivos mais estáveis da atividade (p. 48-49).

¹⁵ *Validade externa* se diferencia de *validade ecológica* à medida que a primeira refere-se à capacidade de extrapolação dos resultados de um estudo para *populações distintas*, enquanto a segunda se refere à extrapolação para *contextos distintos*.

O autor aponta que, para superar a centralidade nas interações grupais, é preciso abordar o *sistema de inter-relações da personalidade* no grupo pela análise do *conteúdo da atividade grupal*, partindo-se da interação grupal como dado mais imediato, mas sem a ela se restringir. O autor reconhece a complexidade e a dificuldade metodológica deste empreendimento. A empatia é o fenômeno da psicologia social tradicional que poderia ser considerado, em primeira análise, análogo à IEEG; no entanto, as diferenças são sublinhadas pelo autor:

[A IEEG] é uma forma peculiar de relações interpessoais, na qual a emoção de um dos membros do grupo motiva, de certa maneira, a conduta dos demais membros do grupo, não só a orientando para a realização da tarefa da atividade, senão também à eliminação das influências que dão lugar a frustrações no companheiro (p. 49).

Para que se pudesse avançar no estudo da IEEG, como parte do tema da diferenciação interpessoal, foi necessário avaliar a eficácia da sociometria para este fim. Petrovski (1986) assinala que os estudos feitos pela sociometria, que partem de grupos difusos em suas relações emocional-psicológicas “não possibilita analisar as relações interpessoais dos homens sobre a base de determinadas normas sócio-condicionadas, de orientações valorativas e de avaliações, e o reduz [o grupo] ao registro das interações e inclinações emocionais mútuas” (p. 50). Essa inadequação do instrumento foi observada à medida que foram sendo planejados os experimentos e no conteúdo da atividade grupal dos experimentos desenvolvidos. O autor indica que três programas de pesquisa foram delineados visando aprofundar a compreensão do processo de comunicação e das relações interpessoais no grupo.

O *primeiro programa experimental* parte de uma lacuna encontrada no estudo sobre a “seleção em ação” proposta por Ya. L. Kolominski. Segundo o autor, ao buscar uma alternativa à seleção verbal com base nas simpatias e antipatias mútuas, a “seleção em ação” apenas deslocou o foco de interesse do verbal para o prático e não superou o fato de que era preciso considerar a atividade conjunta socialmente significativa na mediação das relações interpessoais. Ele assinala que a tese de candidatura de Yu. V. Yanotovskaia, de 1973, considerou este fato no delineamento experimental realizado.

O *segundo programa experimental* focalizou os valores que se encontram

subjacentes às preferências interpessoais, visando identificar o *núcleo motivacional da seleção interpessoal* em um grupo dado. A identificação do núcleo das preferências tem o potencial de diferenciar grupo de coletivo de modo mais substancial que o teste sociométrico e sua rede de afinidades emocionais. Segundo Petrovski (1986), as pesquisas de A. I. Dontsov e de V. A. Petrovski evidenciaram “o núcleo motivacional da seleção no sistema das relações interpessoais” (p. 51), e o trabalho experimental de N. M. Shvalev apontou que o *conteúdo do núcleo motivacional* pode servir de índice para a identificação do nível de desenvolvimento do grupo¹⁶.

O *terceiro programa experimental* para o estudo do sistema de seleções e preferências no grupo enfatizou a orientação ativa da personalidade, no processo de comunicação no grupo, à posição de um grupo determinado (ou parte dele) “cujas avaliações e opiniões são particularmente significativas para a personalidade [grifos nossos] e lhe servem como ponto de referência na atividade” (Petrovski, 1986, p. 51). O programa foi formulado para explicar o que não se evidencia ao observador externo com relação às pessoas ou grupo que se manifestam como *referência à personalidade*, propondo-se um procedimento específico para evidenciá-la: a referentometria, desenvolvida nos estudos de E. V. Schedrina¹⁷.

Os estudos demonstraram uma tendência seletiva da personalidade com relação àqueles que podem oferecer opiniões e avaliações a respeito de si mesmo (*o que pensam de mim? Atendo às normas e valores do grupo?*) e certa indiferença com os demais, sendo que, dentre estes, conforme os estudos de E. V. Schedrina, podem se encontrar, inclusive, pessoas com alto *status* sociométrico. A referentometria seria mais promissora porque apela aos “*aspectos valorativo e de orientação* [grifos nossos] das relações interpessoais no grupo como *comunidade sócio-psicológica* [grifos nossos]” (Petrovski, 1986, p. 52). O autor assinala que a sociometria não deve ser desconsiderada como método para caracterizar grupos difusos, mas é incapaz de caracterizar grupos de mais alto nível de desenvolvimento tais quais o coletivo. O autor faz uma consideração adicional, apontando uma lacuna que entende ser relevante:

É importante que se estabeleça ... mediante o procedimento referentométrico, em

¹⁶ Os estudos a respeito do núcleo motivacional da seleção no sistema das relações interpessoais são detalhados no capítulo 7 de Petrovski (1986).

¹⁷ Os estudos a respeito da referentometria são detalhados no capítulo 8 de Petrovski (1986).

que grupo, dentro de vários aos quais pertence o indivíduo, ao parecer em igual medida, se *enfocam suas seleções* [grifos nossos] e onde estiveram localizadas as *pessoas significativas* [grifos nossos] para ele. A referência de grupo para os membros que se incorporam a ele pode ser um parâmetro que caracterize seu desenvolvimento e diferença com respeito a uma comunidade difusa (p. 52).

Com base nas pesquisas desenvolvidas, Petrovski (1986) relata que, no ano de 1973, foi possível apresentar a hipótese de que o coletivo enquanto grupo apresentava fenômenos sócio-psicológicos cujas especificidades qualitativas o diferenciava de modo marcante do grupo casual, tornado-se inevitável considerar essas diferenças na sua abordagem. Tais especificidades podem ser sintetizadas nos seguintes cinco parâmetros: (1) o domínio no coletivo de manifestações de *autodeterminação coletivista* em situações significativas, (2) a existência da coesão como *unidade valorativa e de orientação*, (3) a *identificação eficaz e emocional* do grupo, (4) a riqueza de *conteúdo do núcleo motivacional da seleção* no sistema das relações interpessoais, e (5) a honestidade ao *atribuir e assumir responsabilidade* pelo êxito ou fracasso da atividade conjunta.

O autor aponta que foi se percebendo o fracasso das tentativas de extrapolar os resultados de pesquisas obtidas com grupos difusos para os coletivos, pela desconsideração do conteúdo da atividade na abordagem dos grupos difusos, e pela restrição do objeto de estudo às relações interpessoais diretas e emocionais. Os métodos utilizados pela psicologia social tradicional para o estudo dos grupos difusos seriam incompatíveis com a definição de coletivo enquanto “comunidade unida pela atividade e determinada pelos objetivos e avaliações de conteúdo, socialmente significativos” (p. 54).

Petrovski (1986) aponta que, com base nos estudos experimentais realizados, foram postulados níveis ou camadas (estratos) da atividade grupal. A *camada superficial*, que caracteriza o grupo difuso, o qual se encontra na origem do coletivo, é relacionada à relação interindividual direta, ou seja, à “interação e [à]s inter-relações emocionais *não mediadas pelo aspecto de conteúdo* [grifos nossos] da atividade conjunta” (p. 54-55). Aqui faz sentido falar de conformistas *versus* inconformistas, “estrelas sociométricas” vs. rejeitados, compatíveis vs. incompatíveis, grupo coeso vs. grupo disperso etc. O autor faz uma nova formulação acerca da definição de coletivo: “comunidade que se destaca por sua *atividade orientada e rica em conteúdo* [grifos nossos] e vinculada às *valorações sociais* [grifos nossos]” (p. 55). Ele relata o estudo de V. A. Bakeev, que demonstrou que, sob apresentação

de influências sugestionáveis, grupos difusos apresentam maior sugestionabilidade e conformidade de grupo do que coletivos.

Em uma *camada intermediária* se manifesta um estrato da atividade grupal responsável pela formação “dos traços característicos do coletivo com uma comunidade de pessoas, no qual suas relações e inter-relações são mediadas pelo conteúdo da atividade conjunta, seus objetivos, tarefas e avaliações” (p. 55). Neste estrato se caracterizam os parâmetros obtidos como resultados dos experimentos formativos realizados:

predomínio dos atos de autodeterminação coletivista (AC) sobre as reações negativas e de conformidade; a unidade valorativa e de orientação (UVO) do coletivo como índice da sua coesão; a identificação eficaz e emocional do grupo (IEEG); a riqueza de conteúdo do núcleo motivacional da seleção no sistema das relações interpessoais; o modelo do grupo como coletivo; a objetividade de dar uma responsabilidade diante do êxito ou o fracasso de uma atividade conjunta; as vias coletivistas de sair de um conflito de grupo etc. (p. 55).

A *camada profunda*, que, segundo Petrovski (1986), já havia sido sinalizada nos seus trabalhos de 1972 e 1973 forma a particularidade do trabalho de grupo com a característica de um coletivo, que é o fato de ser a “atividade grupal determinada pela sua *atividade concreta orientada* [grifos nossos]” (p. 56). O autor acrescenta que

É evidente que o “núcleo” psicológico da atividade grupal interna está formado pelas relações dos membros do grupo com respeito ao conteúdo da atividade, objetivos e valores do grupo, *em relação ao que o grupo faz* [grifos nossos] e *em nome de que o faz* [grifos nossos].

A “concepção estratométrica da atividade de grupo interna nos coletivos e grupos” (p. 56) foi constituída pelas ideias, hipóteses e deduções aqui sumarizadas, e comprovados por experimentos formativos. É possível observar que estas hipóteses vão sendo aperfeiçoadas, aprofundadas e reelaboradas no decorrer dos estudos realizados, o que se evidencia na próxima seção do presente ensaio.

Estrutura da concepção estratométrica da atividade grupal

Petrovski (1986) avalia que o desenvolvimento da concepção estratométrica evidenciou as diferenças de princípio existentes na abordagem de grupos de baixo nível de

desenvolvimento, como os grupos difusos, e dos grupos de alto nível, como os coletivos. Para isso contribuiu a elaboração de uma concepção que supõe *estratos da atividade grupal*, enquanto uma estrutura de muitos níveis, de modo a evidenciar as particularidades qualitativas do coletivo diante do grupo difuso.

O autor aponta que desde as primeiras investigações desenvolvidas em seus programas de pesquisa acerca da AC e da UVO observou-se a necessidade de se considerar metodologicamente o conteúdo da atividade conjunta. Os estudos vinham ratificando a hipótese inicial de que os parâmetros da atividade grupal se manifestavam diferentemente entre grupos difusos e coletivos. Segundo Petrovski (1986), a compreensão dos dados obtidos nos experimentos realizados nos marcos da concepção estratométrica mostrou que o enfoque é heurístico, criando condições para a organização de uma teoria psicológica do coletivo. A isso se juntou uma sólida comprovação experimental, com confirmações das hipóteses levantadas, demonstrações, predições e reconhecimento dos efeitos.

O autor aponta, porém, que a organização da teoria psicológica do coletivo exige um cotejamento dos seus achados com o que foi desenvolvido pela psicologia social tradicional desde ao menos a década de 1930. O autor nota que, mesmo com uma profusão de orientações teóricas distintas tais quais neobehaviorismo, neofreudismo, cognitivismo, interacionismo etc., a diferença essencial entre elas se resume à *maneira de interpretar* os dados obtidos nos estudos. A compreensão da *essência da interação* no grupo, e os objetos, tarefas e métodos de pesquisa são comuns entre essas orientações teóricas. As tarefas usuais de investigação do pequeno grupo pela psicologia social tradicional envolvem relacionar parâmetros psicológicos tais quais coesão, liderança etc. com o nível de aspiração dos participantes, intensidade da pressão grupal, características sociométricas etc. Para Petrovski (1986), como se parte de um modelo invariável de grupo, as premissas metodológicas são consequentemente similares. Além disso, para o autor, “[a] circunstância de que as orientações teóricas de algumas tendências sócio-psicológicas não esclareçam os dados obtidos de maneira empírica cria a *impressão errônea da neutralidade metodológica* [grifos nossos] do fato obtido no experimento sócio-psicológico” (p. 265).

O autor sugere que a confrontação com a psicologia social tradicional seja realizada em duas frentes: por um lado, com relação ao *modelo tradicional de grupo* independente da posição teórica quanto aos processos da dinâmica e interação grupal e, por outro lado, com relação ao *modelo elaborado pela teoria psicológica do coletivo*. A posição determinante e

de partida se resume ao fato de que *a mediação pela atividade* está presente em todos os *fenômenos das relações interpessoais*:

Enquanto para a psicologia dos pequenos grupos (independente da posição teórica) é natural analisar as relações interpessoais como uma interação direta (pressão, atração, subordinação etc.) a teoria sócio-psicológica analisada aqui estuda as relações interpessoais como *mediadas pelo conteúdo da atividade grupal conjunta* [grifos do autor] (p. 265).

Petrovski (1986) denuncia que estruturas grupais (coesão, normas, pressão etc.) e processos grupais (comunicação, interação etc.) são estudados de forma apartada na psicologia social tradicional. Defende que a categoria de *relações interpessoais*, entendida como “relações dentro de grupos determinados” (p. 266-267), é fundamental para sustentar o *elo entre estruturas e processos grupais*, de modo a abordar as relações interpessoais em uma unidade conceitual. Como consequência, é preciso teorizar como tais relações interpessoais se vinculam à atividade grupal na realização de determinada atividade conjunta:

A mediação pela atividade como *princípio explicativo* [grifos nossos] para a compreensão da essência das relações interpessoais nos grupos engendra todas as demais diferenças de princípio do modelo de grupo adotado por nós e dos processos grupais, o qual se opõe ao enfoque tradicional de análise dos fenômenos sócio-psicológicos na psicologia ocidental (p. 267).

Para o autor, enquanto no Ocidente os grupos são interpretados fundamentalmente como uma *comunidade psicológico-emocional*, ou seja, como um conjunto de “atos comunicativos e de atrações emocionais” (p. 267), a concepção estratométrica busca argumentar o grupo como *comunidade psicológico-social*, analisado “como parte da sociedade, com características substanciais referentes à sua atividade e seus valores” (p. 267). A psicologia social tradicional entende que o estudo dos pequenos grupos é relevante por ser uma espécie de *reprodução em miniatura* da sociedade em geral, repetindo-se nos pequenos grupos as interações e inter-relações sociais mais gerais, em sua universalidade. A psicologia social soviética, segundo Petrovski (1986), não defende a substituição das relações sócio-econômicas pelas relações psicológicas no estudo dos grupos e dos coletivos, compreendendo serem uma irreduzível à outra. Outro ponto não resolvido pela perspectiva que toma o pequeno grupo como protótipo dos grupos em geral era o lugar social do grupo,

ou seja, sua localização no conjunto das demais comunidades humanas. Ocorre que o grupo difuso, conforme recorrentemente estudado pela psicologia social tradicional, não pode ser o referido protótipo, senão tão somente um tipo de grupo de baixo nível de desenvolvimento dentre outros. A rigor, assinala Petrovski (1986), o aspecto do nível de desenvolvimento do grupo não é sequer tangenciado pela psicologia social tradicional.

O autor aponta que são dois os principais critérios para a análise do *nível de desenvolvimento dos grupos*: (1) “a presença ou a falta de mediação das relações interpessoais pelo conteúdo da atividade grupal [grifos do autor]” (p. 269), e (2) “a importância social da atividade grupal [grifos do autor]” (p. 269). Com efeito, ele destaca que a concepção estratométrica da atividade grupal não poderia se desenvolver e sequer ser reconhecida pela psicologia social tradicional enquanto objeto de estudo: “o coletivo, no aspecto no qual o conhecem e o estudam a psicologia, a pedagogia e a sociologia soviética, constitui um *resultado da sociedade socialista* [grifos nossos], encarnação de sua estrutura social, sua célula mais importante” (Petrovski, 1986, p. 269). No entanto, coletivos são possíveis na sociedade capitalista, ou em qualquer outra formação social que não a sociedade socialista? O autor propõe que a questão não é exclusivamente se ocorre ou não a mediação pela atividade nas relações interpessoais, o que pode perfeitamente acontecer nos marcos da sociedade capitalista. No entanto, ele adverte que é preciso analisar o conteúdo da atividade conjunta, os interesses de classe que esta atividade reflete, os objetivos desta atividade etc. Estes aspectos também irão determinar de maneira decisiva o caráter das relações interpessoais formadas no grupo.

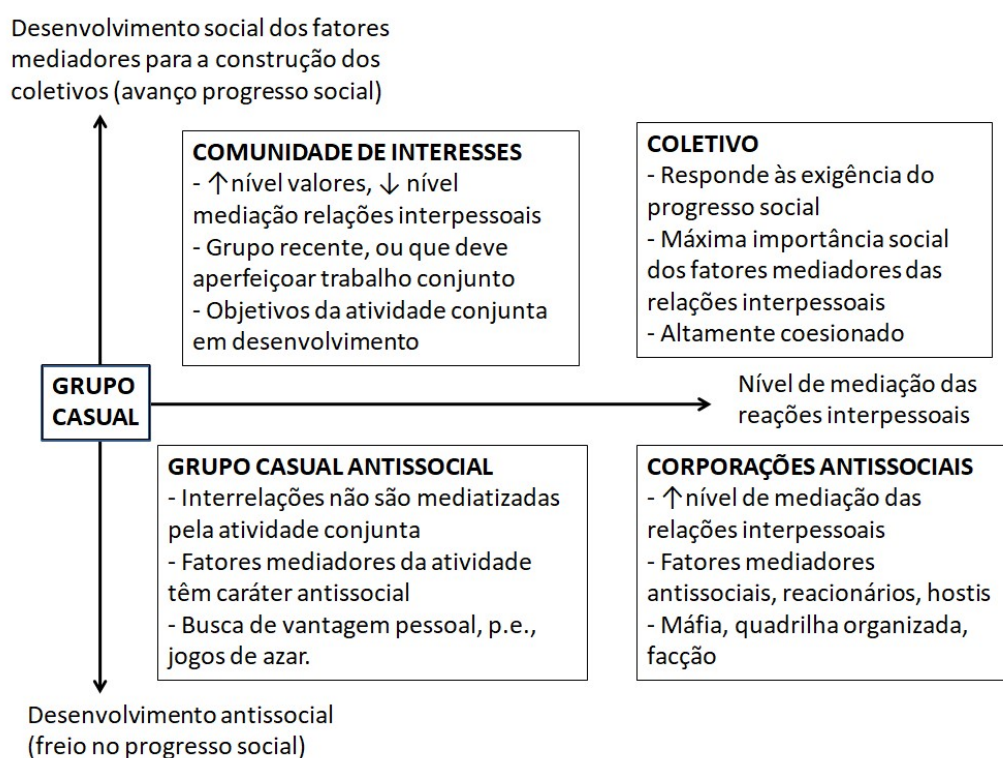
Petrovski (1986) discute que, se a orientação metodológica proposta pela teoria psicológica do coletivo, a mudança que ela gera no próprio objeto de investigação e a transformação nos métodos de trabalho que dela decorre fosse aceita pela psicologia social do Ocidente, isso se daria em *oposição à sociedade burguesa*. Isso porque suas bases políticas e ideológicas requerem minar os *coletivos* e sua alta capacidade de desenvolvimento da *personalidade*. O autor critica a psicologia social tradicional por desprezar: (a) o princípio de mediação das *relações interpessoais pela atividade*, (b) o processo de *desenvolvimento do grupo*, (c) a existência de *fases superiores de desenvolvimento*, e (d) a estruturação em *níveis e camadas dos grupos altamente desenvolvidos*. Petrovski (1986) assinala que, ao ignorar ideologicamente as contribuições do marxismo, a psicologia social tradicional “estava limitada por viseiras que a permitiam

ver uma estreita faixa dos fatos obtidos de maneira empírica” (p. 270). Assim, os resultados obtidos em grupos artificiais (ou difusos) são adequados dentro de certos limites: é *impossível transladar e extrapolar* tais resultados para *grupos de mais alto nível de desenvolvimento e para os coletivos*.

A Figura 1, adaptada de Petrovski (1986), busca organizar e ilustrar um *modelo teórico do coletivo* considerando os diferentes níveis de desenvolvimento do grupo. Aspecto importante destacado pelo autor é que “*a mediação pela atividade atua como índice formador do sistema coletivo* [grifos do autor]” (p. 273).

Figura 1.

Modelo teórico do coletivo segundo níveis de desenvolvimento grupal



Nota. Adaptação de Petrovski (1986, p. 271).

Petrovski (1986) aponta, porém, que não seria justo afirmar que os resultados das pesquisas que subsidiaram a concepção estratométrica *descobriram* o coletivo. Segundo ele, os programas de trabalho e investigação dos psicólogos soviéticos já vinham estudando as vias de formação do coletivo, como grupo de alto nível de desenvolvimento, por meio da *atividade socialmente orientada*. No entanto, a concepção estratométrica da atividade

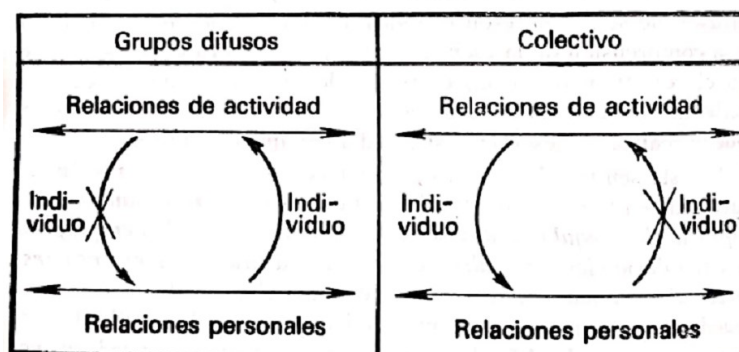
grupal oportunizou a ampliação do conhecimento sobre: (1) as “características psicológicas qualitativas das relações interpessoais no coletivo” (p. 273), (2) as “particularidades da estrutura da atividade grupal” (p. 273), (3) a “impossibilidade da translação das regularidades – exatas para o grupo de baixo nível – ao coletivo” (p. 273), (4) “métodos de investigação que respondam à ... essência dos processos grupais justamente no coletivo” (p. 273), e (5) os “índices quantitativos que refletem os fenômenos sócio-psicológicos do coletivo” (p. 273).

Sinteticamente, o enfoque estratométrico da atividade grupal de Petrovski (1986) partiu de posições (princípios, fundamentos) que sugeriam a necessidade de uma ampla *revisão dos pressupostos metodológicos* então vigentes nos estudos sobre grupos. A *primeira posição* afirma a *impertinência de transladar as regularidades identificadas pela psicologia social tradicional no estudo dos grupos difusos ao coletivo*, visto que não há elo comum e socialmente significativo que medeie a atividade nestes grupos. Isso ficou evidente desde os primeiros estudos que subsidiaram a concepção estratométrica, que abordaram a AC, com base nos quais se concluiu que *o dilema conformismo versus não-conformismo não se revelou vigente no caso dos coletivos*.

A *segunda posição* alega que *os fenômenos das relações interpessoais nos coletivos são qualitativamente diferentes, com manifestações opostas às dos grupos difusos*, como um vetor na direção contrária, com sinal invertido. O autor propõe o esquema sintetizado na Figura 2 que, mesmo não tendo sido estudado empiricamente, de forma direta, alega ser factível no âmbito das conclusões derivadas dos experimentos formativos realizados com coletivos.

Figura 2.

Correlação das relações de atividade e pessoais em grupos difusos e coletivos



Nota. Extraído de Petrovski (1986, p. 274).

As *relações interpessoais*, consideradas esquematicamente enquanto relações indivíduo-indivíduo, são representadas na Figura 2 por uma linha inferior com seta dupla, simbolizando o contínuo das *relações pessoais*, havendo também uma linha superior, paralela à primeira, também com seta dupla, representando as *relações de atividade*. No *grupo difuso*, as relações que surgem na atividade grupal *não medeiam relações pessoais*, ao mesmo tempo em que as *relações pessoais alteram substancialmente* a atividade conjunta socialmente significativa, se esta emergir. Já no *coletivo* ocorre o contrário: as relações de *dependência responsável* (conforme a expressão de A. S. Makarenko), mediadas pela atividade, influenciam as relações pessoais, mas estas não interferem no *sistema da atividade conjunta socialmente significativa*.

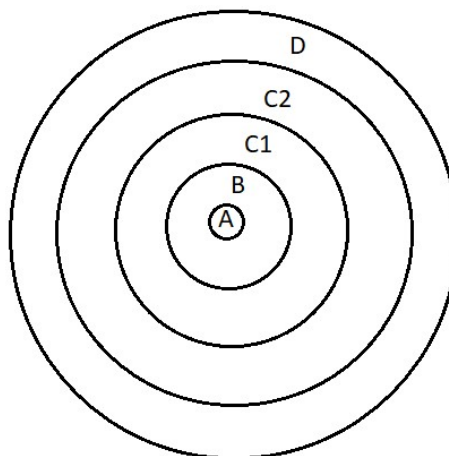
As conseqüências da diferença da mediação das relações interpessoais pela atividade nos grupos e nos coletivos, segundo Petrovski (1986), podem ser discutidas, por exemplo, a luz dos estudos sobre a IEEG. O fenômeno da identificação eficaz e emocional do grupo predomina no coletivo, manifestando-se de forma tênue no grupo difuso. A IEEG não depende do número de membros do grupo no caso do coletivo, mas no grupo difuso o número de membros altera a IEEG. No caso do grupo difuso manifesta-se o denominado *Efeito Ringelmann*, um fenômeno fartamente reconhecido no âmbito da psicologia social tradicional, com comprovação experimental no marco das metodologias consagradas para o estudo dos grupos difusos. Resumidamente, o Efeito sugere que o desempenho dos membros de um grupo, individualmente considerados, diminui progressivamente à medida que o número de membros deste grupo aumenta. No entanto, este Efeito não geraria conseqüências para o coletivo devido à “redundância peculiar da atividade coletiva, com seu caráter por cima da norma (saída dos limites da tarefa planejada, adoção de obrigações elevadas etc.)” (Petrovski, 1986, p. 275). Para o autor foi possível comprovar que, mesmo não sendo considerada, na produção de conhecimento, a mediação das relações interpessoais pela atividade e pelo seu significado social, ela objetivamente incide sobre os grupos estudados.

A *terceira posição*, finalmente, implica na proposição de que *os processos grupais são hierarquizados na atividade grupal e, especificamente no coletivo, se estruturam em estratos ou camadas, cada uma com características psicológicas distintas*. Petrovski (1986)

ressalta que a concepção estratométrica da atividade grupal encontra-se em *processo de elaboração*, e que o esquema apresentado na Figura 3 resulta do estado do desenvolvimento da teoria à época da publicação de *Teoria Psicológica del Colectivo*¹⁸.

Figura 3

Estratos da atividade grupal



Nota. Extraído de Petrovski (1986, p. 277).

O estrato central (A) refere-se às características mais essenciais, objetivas, da atividade grupal, considerando-se seu *conteúdo político e sócio-econômico*. Nesse sentido, não pode ser considerado um estrato propriamente psicológico, ao passo que se trata da avaliação desta atividade considerando-se os valores da sociedade na qual o grupo se insere. Petrovski (1986) resgata os estudos de A. S. Morozov¹⁹, que concluíram ser possível adotar os três seguintes *critérios de avaliação do grupo como coletivo*: (1) avaliação pelo grupo do *êxito da sua participação na divisão social do trabalho*; (2) avaliação da *correspondência do grupo com normas sociais determinadas* (o modo de vida socialista, no caso), e (3) avaliação da *capacidade do grupo em garantir a todos e a cada um o desenvolvimento omnilateral da personalidade*.

O estrato imediatamente posterior (B) é o primeiro de natureza psicológica, referindo-se às posições individuais dos membros do grupo (como se coloca, se expressa, se manifesta) com relação à atividade grupal. Segundo Petrovski (1986), a *hierarquia de*

¹⁸ Com efeito, em Petrovski (1984), obra originalmente publicada em 1982, o esquema da concepção estratométrica é formado por *quatro camadas* (A, B, C e D), aparentemente uma elaboração da definição apresentada em Petrovski (1986), de 1979, que será abordada a seguir, abrangendo *cinco camadas*, visto a subdivisão de uma delas: A, B, C1, C2 e D.

¹⁹ Os estudos a respeito da estrutura hierárquica da atividade grupal, que subsidiaram a formulação da concepção estratométrica, são detalhados no capítulo 10 de Petrovski (1986).

motivos da atividade grupal (seu sentido social) se efetiva em fenômenos relacionados a esta camada, impelindo tanto o grupo quanto seus membros a determinados fins ou objetivos.

O estrato seguinte (C) é composto pelas características de *conteúdo das relações interpessoais mediadas pela atividade conjunta*, considerando que este conteúdo consiste em projeção de *construções ideológicas da sociedade*. No entanto, R. S. Nемов sugeriu que fossem consideradas duas *subcamadas* na camada C (Petrovski, 1986): C1 corresponderia à mediação das relações interpessoais pelo *conteúdo da atividade*, ou seja, pelo “fim e tarefa da atividade, seu sentido social” (p. 278-279), e C2 estaria relacionada à mediação das relações interpessoais por “*valores sociais de importância geral* [grifos nossos]” (p. 279) ou, ainda, “orientações de valor de importância geral adotadas pelo grupo, princípios morais” (p. 279). O autor reconhece o caráter convencional da divisão entre C1 e C2, visto que a atividade coletiva põe em ação tanto *valores* quanto *princípios*. No entanto a divisão contribui com a compreensão do *fenômeno da formação do coletivo*: inicialmente pela subcamada C2, dada “a presença da unidade ideológica de toda a sociedade socialista, assimilada no processo de socialização e educação do homem soviético” (p. 279), e posteriormente pela subcamada C1, como resultado da consequente apropriação dos “objetivos da atividade coletiva concreta” (Petrovski, 1986, p. 279).

Finalmente, o terceiro estrato (D) das relações interpessoais abarca as *relações não mediadas pelos objetivos coletivos da atividade*, nem pelas orientações de valor de interesse geral: são os interesses pessoais, gostos, atrações empáticas, efeitos de sugestão, expectativas etc. Aqui se encontram as características do grupo como comunidade emocional-psicológica, viáveis de serem abordadas tanto com *grupos difusos* (onde o grupo como um todo é essa comunidade emocional-psicológica) quanto com *coletivos* (onde o fenômeno da comunidade emocional-psicológica é considerado uma *camada das relações interpessoais* mediadas pela atividade no coletivo).

Petrovski (1986) defende que a essência das relações interpessoais no coletivo precisa ser considerada no sistema das manifestações dos fenômenos associados a cada uma destas camadas: as *relações psicológico-emocionais no grupo* (camada D), as *características das relações interpessoais* quanto aos seus valores e princípios (camada C), a *relação da personalidade com a atividade grupal* (camada B) e o *conteúdo objetivo da atividade conjunta* (camada A). Os métodos consagrados na psicologia social tradicional são

restritos às manifestações fenomênicas pertinentes à camada D. Petrovski (1986) aponta que, por não considerarem a atividade objetual do grupo e a possibilidade de que este consista em um coletivo, os resultados das pesquisas com grupos difusos não são adequados para se compreender os processos grupais típicos dos coletivos, podendo gerar confusões.

O autor argumenta que, para as concepções teóricas da psicologia social tradicional – por exemplo: tendência sociométrica de J. L. Moreno, enfoque modelo-formal de R. Hyder e J. French, concepção interacionista de R. Bales e G. Homans, teoria dos sistemas de T. Newcomb e S. Moscovits –, são processos grupais *determinantes* “o tamanho do grupo, a estrutura, a hierarquia dos *status*, o caráter e a frequência das comunicações, etc.” (p. 280-281), e são parâmetros *subordinados* os “fenômenos da integração e a da diferenciação grupal” (p. 281). Isso diverge frontalmente com a concepção estratométrica da atividade grupal, que considera que o caráter de coletividade se manifesta no *sistema de relações interpessoais* enquanto certa “atitude na direção do conteúdo da atividade coletiva” (p. 281). Tamanho de grupo, intensidade de comunicações etc., ou seja, os denominados *fenômenos da integração e diferenciação grupal*, são considerados fatores dependentes, ou mediados, por aquele sistema.

Petrovski (1986) sugere que se examine mais de perto o problema do tamanho de grupo, pela centralidade que ocupa o tratamento dessa questão. A. V. Petrovski e M. A. Turevski, em estudo de 1979, apontaram para “*a influência do tamanho do grupo sobre suas particularidades sócio-psicológicas* [grifos do autor]” (p. 181). Ocorre que há muita controvérsia nos resultados dos estudos realizados no âmbito da psicologia social tradicional sobre o tamanho do grupo, quando este aspecto é tomado como determinante do processo grupal. A concepção estratométrica da atividade grupal poderia contribuir nessa direção: “a existência e o caráter da dependência dos fenômenos sócio-psicológicos com respeito ao tamanho do grupo estão condicionados pelo *nível de desenvolvimento do grupo* [grifos nossos] e pelas *particularidades de sua atividade objetual* [grifos nossos]” (p. 282).

O autor também discute sobre o tamanho do grupo como problema relacionado à *otimização do sistema das relações interpessoais*, questão pertinente aos estudos sobre *efetividade grupal* da psicologia social tradicional. O tamanho do grupo como processo integrador será mais importante quanto menor for o nível de desenvolvimento do grupo e, assim, nos coletivos, a ação do fator *tamanho* vai para um segundo plano. O grupo é

crescentemente *otimizado à medida que aumenta o seu nível de desenvolvimento*, e não por conta do acréscimo ou diminuição de integrantes:

O grupo torna-se ótimo ... não como resultado do aumento ou da diminuição do seu tamanho, senão como resultado do aumento do nível de seu desenvolvimento, mediante a mudança substancial de sua atividade objetiva e, ao mesmo tempo, do sistema de suas relações interpessoais (p. 283).

Petrovski (1986) discute um pressuposto tácito que guia as ações do pedagogo, que é a suposição de que a efetividade da atividade docente é inversamente proporcional ao tamanho da turma. Nesse sentido, turmas grandes seriam um *problema pedagógico* e, no limite, o ideal seria o trabalho com o aluno individual. No entanto, o autor adverte que essa compreensão colide com os fundamentos da pedagogia soviética. Ele afirma que os estudos desenvolvidos sugerem que a dependência inversa entre a efetividade do trabalho docente e o tamanho da turma somente será verificada “nas comunidades nas quais as relações interpessoais não são mediadas pela atividade docente essencial, distribuída, que se baseia nos princípios da dependência responsável” (p. 285). Quando o coletivo escolar lida com tarefas socialmente relevantes com base em relações de dependência responsável, nas quais “o êxito ou o fracasso de um é a condição do êxito ou o fracasso de todos” (p. 285), se dá uma situação inversa: “a eficácia da atividade docente é diretamente proporcional ao número daqueles que estudam nos limites do tamanho ótimo de grupo para esse tipo de tarefa docente” (p. 285).

O autor traz como exemplo o ensino intensivo de uma língua estrangeira para adultos, contexto das pesquisas conduzidas por L. Karpenko. Petrovski (1986) observa que nessas investigações se evidenciou que o tamanho do grupo, definido pelo programa de estudos, influenciou positivamente na produtividade da atividade coletiva por conta do contexto grupal, decaindo esta influência à medida que o grupo diminuiu. Assim, o centro da questão consistiria na *reestruturação da atividade docente e das relações interpessoais* que dela fazem parte, tendo em vista os achados da teoria psicológica da coletividade, mais do que a redução do número de estudantes por turma.

No que se refere às perspectivas futuras de desenvolvimento teórico-metodológico, e suas contribuições para a abordagem dos coletivos e dos grupos em geral, Petrovski (1986), aprecia em perspectiva a *concepção estratométrica da atividade grupal*, debatendo

a “inclusão da teoria sócio-psicológica do coletivo no contexto da teoria geral da ciência psicológica soviética” (p. 289). O autor aponta o curto lapso de tempo entre a publicação de *Atividade, Consciência, Personalidade*, de 1975 (Leontiev, 2021), e de *Teoria Psicológica del Colectivo*, de 1979 (Petrovski, 1986), dando a entender que a obra de Leontiev ainda era, de certo modo, uma novidade entre seus contemporâneos. No entanto, ele sinaliza a confluência dos seus esforços e os de A. N. Leontiev, ratificando em uma passagem a intenção de que o *princípio da atividade*, como concepção psicológica geral do homem, se estenda à *psicologia dos grupos e dos coletivos*:

Nos momentos em que Leontiev culminava o trabalho acerca de seu livro, no qual fez conclusões essenciais do desenvolvimento da teoria [da atividade] durante as últimas décadas, começava a se formar uma das concepções científicas que marcava, desde posições marxistas, a reestruturação de uma parte importante da ciência sócio-psicológica: a psicologia dos grupos e dos coletivos, precisamente sobre a base da *concepção psicológica geral do homem* [grifos do autor]. A base desta concepção é o princípio da atividade, o enfoque da atividade objetual, que engendra todos os fenômenos psíquicos, as qualidades, as particularidades, os processos e estados de ânimo do homem, que atua e é estudado a nível social e, por conseguinte, em primeiro lugar, no grupo, no coletivo (p. 287).

Petrovski (1986) sustenta, assim, que a expansão do *princípio da atividade* para a psicologia social do coletivo representou o fim do isolamento da *teoria sócio-psicológica dos grupos e coletivos*. Ele afirma que se buscou o desenvolvimento desta teoria como *parte orgânica da expansão do princípio da atividade*. O autor afirma que “a interação grupal, as inter-relações grupais, constituem o *objeto* [grifos do autor] da investigação sócio-psicológica” (Petrovski, 1986, p. 287). Tomando essa ideia como base, adverte sobre a importância de que sejam estudados grupos concretos, que é “o grupo que age, trabalha na realidade e realiza determinados fins sociais” (p. 287). Isso leva o autor a trazer uma nova definição de *coletivo*:

Da mesma maneira que o *indivíduo* [grifos do autor] modifica por meio da atividade objetual o mundo circundante, e mediante esta modificação se modifica a si mesmo, convertendo-se em *personalidade* [grifos do autor]; o *grupo social* [grifos nossos] transforma em sua atividade conjunta socialmente importante o que o rodeia e mediante esta transformação constrói e modifica o sistema das relações interpessoais e da interação interpessoal, convertendo-se em *coletivo* [grifos nossos] (p. 288).

A definição apresentada acima evidencia, de modo inequívoco, a argumentação do autor em torno da possibilidade de que o princípio da atividade possa ser expandido à compreensão dos grupos e dos coletivos. Assim, *o indivíduo está para a personalidade assim como os grupos sociais estão para os coletivos*. O coletivo, dessa forma, consiste em uma específica modalidade de relações interpessoais, uma formação que se origina no grupo: “as relações interpessoais se transformam pela atividade do coletivo, a qual está orientada para o exterior à apropriação do objeto socialmente importante e não a estas mesmas relações interpessoais” (Petrovski, 1986, p. 288). No entanto, o autor ressalta que a *concepção psicológica geral da atividade objetual* conquista uma ampliação com a inclusão, nela, da atividade do coletivo. Sem desprezar a complexidade do desafio, o autor aponta a relevância de outra tarefa: diferenciar o que é mais *geral na atividade objetual*, e o que é mais *específico da atividade no coletivo*.

O autor ressalta as contribuições de L. S. Vigotski ao desenvolver o princípio do *caráter mediado das propriedades psíquicas do homem por meio do uso de signos*, com base no qual se reputa a atividade especificamente humana como *atividade mediada e mediadora*. Petrovski (1986) destaca que este princípio, fartamente desenvolvido no contexto da psicologia genética e da psicologia pedagógica, também se mostrou frutífero para a *psicologia social das relações interpessoais*. Para ele, as investigações de L. S. Vigotski demonstraram que o desenvolvimento do psiquismo tem uma sequência genética determinada: “as funções psíquicas se formam, em seu início, no plano social entre as pessoas como categoria intersíquica, e depois como intrapsíquica” (p. 289). Discute, por fim, que isso se evidencia nos *grupos escolares*, ao passo que as relações entre as crianças são formadoras das funções psíquicas superiores, que se tornam propriedades da personalidade ao se interiorizarem. No entanto, a busca por dar continuidade ao pensamento de L. S. Vigotski considerando o movimento “dos intradeterminantes para os interdeterminantes da conduta, da personalidade para o coletivo” (p. 289), deve supor a existência de um fator determinante no âmbito intersíquico, “o qual se converte em *centro estrutural* [grifos nossos] dos atos da conduta grupal e das relações interpessoais” (p. 289). Para Petrovski (1986), este centro estrutural é o *nível de desenvolvimento do grupo*, cuja consideração exige a consideração das particularidades do coletivo.

Considerações finais

Foi realizada uma análise imanente de *Teoria Psicológica del Colectivo* (Petrovski, 1986), a fim de delinear os fundamentos da concepção estratométrica da atividade grupal. Para isso, contextualizou-se a demanda por aprofundamento na obra de A. V. Petrovski e a pertinência do estudo dos grupos e coletivos como contribuição da psicologia social à construção da ciência soviética. A seguir, foi apresentada a origem e o desenvolvimento da concepção estratométrica da atividade grupal, contextualizando e descrevendo os estudos que a subsidiaram. Finalmente, foi discutida a estrutura da concepção estratométrica da atividade grupal, visto a intenção de organizar, comparar e pôr em perspectiva esta concepção, com base nas considerações de Petrovski (1986).

Interessante observar que, nos anos iniciais que seguiram a Revolução Russa, não havia uma elaboração teórico-metodológica que lidasse com as especificidades concretas da compreensão do psiquismo humano com base na ideia da *formação do novo homem da sociedade socialista*. Isso persiste até que L. S. Vigotski proponha, com base em seus estudos, um método para a abordagem do problema da relação pensamento-linguagem pela mediação da palavra com significado, introduzindo a compreensão dialética do psiquismo humano na relação individual-social, externo-interno e objetividade-subjetividade. Vigotski elabora e propõe, no decorrer da segunda metade da década de 1920, os elementos metodológicos para a *abordagem do psiquismo humano* de um modo coerente com os *princípios do materialismo histórico e dialético*. A reflexão de Vigotski sobre a crise da psicologia, a alternativa que propõe e seus impactos eram consideradas por diversas escolas de Psicologia no período da União Soviética que reivindicavam a herança do pensamento marxista na compreensão do psiquismo humano. Petrovski (1986) resgata essa herança, reconhecendo e afiliando-se a uma concepção de psicologia subsidiada pelos pressupostos do materialismo histórico e dialético.

Vigotski (1995) vai destacar que a crise da Psicologia é essencialmente uma crise metodológica, o que observa nos estudos que desenvolveu sobre as funções psicológicas tipicamente humanas. Para ele, a Psicologia partiu habitualmente de objetos de estudo pré-ideados, buscando a seguir um método de conhecimento que seja compatível com eles. Para superar essa fragmentação, o autor propõe que se percorra o caminho inverso: é preciso primeiro apresentar e argumentar sobre o objeto de estudo *metodologicamente*, compreendendo-se o papel central do método na própria delimitação do objeto. Petrovski

(1986) desenvolve uma abordagem dos grupos e coletivos coerente com este princípio, ao passo que é possível extrair da concepção estratométrica da atividade grupal *elementos metodológicos* que atendem às *especificidades do coletivo* em face do grupo.

Outro debate metodológico que se abre refere-se à questão da *metodologia concreta de pesquisa* a partir das ponderações de Petrovski (1986) sobre o uso do experimento na psicologia soviética enquanto *experimento formativo*. Nos experimentos formativos relatados há também etapas de análise quantitativa, com uso de testes estatísticos de dados obtidos a partir da aplicação de questionários e instrumentos psicológicos diversos. No entanto, seu caráter *formativo* se apresenta ao passo que os estudos são realizados com coletivos concretos em contexto laboral, esportivo, escolar, militar etc., com a intenção de se observar a formação das propriedades específicas do coletivo. Nesse sentido, pode ser frutífero explorar analogias possíveis do experimento formativo com o que se conhece no Ocidente como as *metodologias participativas* (pesquisa-ação, pesquisa participante etc.).

Ao considerar o âmbito da pesquisa na psicologia social soviética, Petrovski (1986) considera que “a interação grupal, as inter-relações grupais, constituem o objeto [grifos do autor] da investigação sócio-psicológica” (p. 287). Impressiona esta definição mais delimitada do objeto da investigação sócio-psicológica a se comparar com a pluralidade de objetos com os quais lida a psicologia social na tradição latino-americana: linguagem, representações sociais, trabalho, gênero, relações étnico-raciais, ideologia, comunicação etc., por exemplo, são arrolados no livro-texto de psicologia social de Jacques et al. (2014).

Ainda a respeito das especificidades da psicologia social soviética é digna de nota a opção pela adjetivação dos fenômenos pertinentes à psicologia social como de ordem *sócio-psicológica* no lugar de *psicossocial*, denominação esta mais corriqueira tanto na psicologia social tradicional quanto na psicologia social crítica em suas vertentes latino-americanas. Uma hipótese a se aventar é a crítica à herança individualizante da psicologia idealista ainda durante primeiros anos da Revolução Russa, como abordagem que desconsidera a mediação de processos históricos e sócio-políticos na constituição do psiquismo, psicologizando tais processos. Optar pelo *sócio-psicológico*, ressaltando o uso de *sócio* no prefixo, sugere uma precedência do social diante do mental (presente na psicologia idealista) e do comportamental (presente na psicologia objetiva), invertendo o habitual foco no indivíduo que poderia sugerir a precedência do *psico*, como ocorre em *psicossocial*. Vale registrar que

em Petrovski (1984), em que é desenvolvida uma articulação da questão da personalidade e do coletivo com base na teoria da mediação das relações interpessoais pela atividade conjunta socialmente significativa, se evidencia uma preferência pelo termo *psicossocial*. Mais que uma questão de denominação, o debate oferece uma oportunidade para ratificar a atualidade de uma *psicologia social sociológica* e fundamentada em princípios marxistas atentos à historicidade, à totalidade e à contradição formadora dos processos e fenômenos em análise.

Em termos do desenvolvimento teórico, uma primeira indicação refere-se à busca de possíveis articulações do *modelo teórico do coletivo* de Petrovski (1986) segundo níveis de desenvolvimento grupal, apresentado na Figura 1, com a *tipologia grupal* de Martín-Baró (2018), que diferencia *grupo primário*, *grupo funcional* e *grupo estrutural* conforme os parâmetros de *identidade grupal*, *poder grupal* e *atividade grupal*. Uma segunda indicação é articular a concepção estratométrica da atividade grupal com uma perspectiva de *desenvolvimento histórico do grupo*, em coerência com o princípio da historicidade. Isso possibilitaria considerar o grupo em movimento e em suas contradições, ou seja, enquanto *processo grupal*, o que é heurístico para a apreensão do grupo como objeto de estudo nas sociedades capitalistas. Lane (2012) traz contribuições importantes nesse sentido.

Foram localizados três artigos em língua inglesa (Petrovsky, 1982, 1983, 1985) que descrevem os principais achados das pesquisas por ele coordenadas. Pretendeu-se que esses artigos fossem utilizados como material complementar, no entanto, isso não foi viabilizado. Sugere-se que este estudo seja realizado, na direção do aprofundamento na obra do autor e na identificação e desenvolvimento de elementos teóricos e metodológicos para uma abordagem dos grupos coerente com a psicologia histórico-cultural. O cotejamento de *Teoría Psicológica del Colectivo* com *Personalidad, Actividad y Colectividad* com relação às elaborações teóricas realizadas (e.g., redução de cinco para quatro estratos da atividade grupal), e os acréscimos acerca da questão da personalidade em Petrovski (1984) sugerem vias de desenvolvimento teórico que parecem promissoras .

Os capítulos 3 a 8 de Petrovski (1986) apresentam os fenômenos das relações interpessoais mediados pela atividade socialmente significativa considerando o histórico do desenvolvimento teórico-metodológico de cada fenômeno, a crítica à abordagem da psicologia social tradicional, e os experimentos formativos que deram base à concepção estratométrica da atividade grupal. Não foi possível que o presente ensaio perfizesse,

mediante o cronograma disponível, a análise imanente destes capítulos, o que teria sido desejável por diversos motivos: (a) pela oportunidade de obter um relato detalhado de experimentos formativos conforme foram desenvolvidos na psicologia soviética, (b) pela possibilidade de observar como se compuseram os elementos que estruturaram a concepção estratométrica da atividade grupal, (c) pela constatação da pertinência à crítica feita pela psicologia social tradicional a respeito da desconsideração da especificidade do coletivo etc. Recomenda-se que estudos futuros abordem estas lacunas.

O presente ensaio oportunizou constatar a necessidade de uma profunda revisão dos pressupostos teórico-metodológicos que permanecem vigentes nos estudos experimentais com pequenos grupos. A concepção estratométrica da atividade grupal aponta desafios para a pesquisa e para o trabalho com grupos para que se possa avançar na produção de conhecimento e na intervenção psicossocial qualificada junto de grupos e coletivos, subsidiadas por pressupostos do materialismo histórico e dialético.

Referências

- Correia, T. (2020a). A concepção metodológica estratométrica da Psicologia Social Soviética. In T. N. F. Matos (Org.), *Psicologia: compreensão teórica e intervenção prática* (pp. 148-159). Athena. <https://doi.org/10.22533/at.ed.438201205>
- Correia, T. (2020b). O autodomínio da conduta em Vygotsky e a autodeterminação coletivista em Petrovsky. In Dias, M. S. L. (Org.), *Lev Vygotsky: uma leitura (inter)disciplinar* (pp. 138-157). Fi. <https://doi.org/10.22350/9786587340753>
- Dalla Vecchia, M. (2011). *Trabalho em equipe na atenção primária à saúde: o processo grupal como unidade de análise da dialética cooperação-trabalho coletivo* [Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional UNESP. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106074/vecchia_m_dr_botfm.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Dalla Vecchia, M., Martín, S. T. F., & Schühli, V. M. (2023). *Processo Grupal e Psicologia Social da Coletividade em Arthur V. Petrovski*. [Manuscrito não-publicado]
- Fernandes, L. V. (2015). *O processo grupal como resistência ao sofrimento e ao adoecimento docente: um estudo à luz da perspectiva histórico-dialética*. [Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04012016-094754/publico/fernandes_do.pdf

- Fernandes, L. V. (2022). Processos grupais e atividade docente: uma proposta interventiva para saúde psicológica. *Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 6(1), 106-130. <https://doi.org/10.14393/OBv6n1.a2022-64387>
- Fontes, F. F., & Falcão, J. T. R. (2015). A psicologia teórica e filosófica como uma área de pesquisa acadêmica. *Psicologia em Pesquisa*, 9(1), 72-79. <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201500010009>
- Jacques, M. D. G. C., Strey, M. N., Bernardes, N. M. G., Guareschi, P. A., Carlos, S. A., & Fonseca, T. M. G. (2014). *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Vozes.
- Lane, S. T. M. (2012). O processo grupal. In: S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social. O homem em movimento* (14. ed. pp. 78-98). Brasiliense. (Original publicado em 1984).
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade. Consciência. Personalidade*. Mireveja. (Original publicado em 1975).
- Lessa, S. (2014). Um pouco de técnica. In: *O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?* (pp. 67-76). Instituto Lukács. <https://drive.google.com/file/d/1L86VWj4OBZLyVBtmNdxwFJgeRrSSzUVA/view>
- Lima, C. P., & Campos, H. R. (2023). Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação escolar brasileira: o experimento formativo. *Germinal: marxismo e educação em debate*, 15(1), 183-204. <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.52664>
- Martín-Baró, I. (2018). *Sistema, grupo y poder. Psicología social desde Centroamérica II*. UCA. (Original publicado em 1989).
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de administração contemporânea*, 15(2), 320-332. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>
- Moreira, A. P. G., Brockington, G., & Guzzo, R. S. L. (2021). Experimentos e psicologia soviética: uma antítese metodológica equivocada. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, e228188. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021228188>
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 362-371. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>
- Petrovski, A. V. (1984). *Personalidad, Actividad y Colectividad* (A. Kessler, Trad.). Cartago. (Original publicado em 1982).
- Petrovski, A. V. (1986). *Teoria Psicológica del Colectivo*. Editorial de Ciencias Sociales. (Original publicado em 1979).

- Petrovsky, A. V. (1982). Toward the construction of a social psychological theory of the collective. *Soviet Psychology*, 21(2), 3-21. <http://dx.doi.org/10.2753/RPO1061-040521023>
- Petrovsky, A. V. (1983). The new status of psychological theory concerning groups and collectives. *Soviet Psychology*, 21(4), 57-78. <http://dx.doi.org/10.2753/RPO1061-0405210457>
- Petrovsky, A. V. (1985). Some new aspects of the development of the stratometric concept of groups and collectives. *Soviet Psychology*, 23(4), 51-67. <http://dx.doi.org/10.2753/RPO1061-0405230451>
- Schühli, V. M. (2020). *Tendências e contratendências do trabalho com grupos no contexto de disputa de modelos de atenção em saúde mental: uma análise a partir de dois Centros de Atenção Psicossocial* [Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional UNESP. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192794/schuhli_vm_dr_bot.pdf?sequence=3&isAllowed=y
- Schühli, V. M., & Martín, S. T. F. (2021). Trabalho com grupos nos Centros de Atenção Psicossocial: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural e da Psicologia Social Latino-Americana. In R. Bellenzani, & B. P. Carvalho (Orgs.), *Psicologia histórico-cultural na universidade: pesquisas implicadas* (pp. 65-124). EdUFMS. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3882>
- Shuare, M. (2017). *A Psicologia Soviética: meu olhar*. Terracota. (Original publicado em 1990).
- Vygotski, L. S. (1995). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas* (Vol. 3, pp. 11-340). Visor. (Original publicado em 1931)
- Whetten, D. A. (2003). O que constitui uma contribuição teórica? *Revista de Administração de Empresas*, 43(3), 69-73. bit.ly/3GmcwVD

Contribuições dos autores

O primeiro autor concebeu o projeto, realizou leitura e análise imanente, escreveu o manuscrito inicial e o revisou na versão atual. A segunda autora realizou análise imanente, escreveu o manuscrito inicial e o revisou na versão atual.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse que possam afetar

substancialmente o estudo desenvolvido.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.